

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

RODRIGO GONÇALVES DIAS PITTA

**A POLIFONIA NAS NARRATIVAS MUSICAIS DE CHICO BUARQUE E A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Vitória

2018

RODRIGO GONÇALVES DIAS PITTA

**A POLIFONIA NAS NARRATIVAS MUSICAIS DE CHICO BUARQUE E A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Letícia Queiroz de Carvalho

Vitória

2018

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

P688p Pitta, Rodrigo Gonçalves Dias.

A polifonia nas narrativas musicais de Chico Buarque e a formação do leitor literário no ensino fundamental II / Rodrigo Gonçalves Dias Pitta. – 2018.

104 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Leticia Queiroz de Carvalho.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2018.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Leitores – Reação crítica. 3. Linguagem e educação. 4. Crônicas. 5. Ensino fundamental. 6. Buarque, Chico, 1944 - Crítica e interpretação. I. Carvalho, Leticia Queiroz de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título

CDD: 372.4

RODRIGO GONÇALVES DIAS PITTA

**A POLIFONIA NAS NARRATIVAS MUSICAIS DE CHICO BUARQUE E A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação Mestrado
Profissional em Letras do Instituto Federal do
Espírito Santo, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 30 de novembro de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA


Doutora Letícia Queiroz de Carvalho
Instituto Federal do Espírito Santo
Orientadora


Doutor Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo
Membro Interno


Doutor Luciano Novaes Vidon
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

RODRIGO GONÇALVES DIAS PITTA

PITTA, Rodrigo Gonçalves Dias; CARVALHO, Letícia Queiroz de; GOMES, Antonio Carlos. **Chico Buarque e as vozes sociais no espaço escolar: um evento dialógico para a formação do leitor**. Vitória. Ifes, 2018. 53 p. (Caderno Pedagógico. 1ª Edição).

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras.

Aprovado em 30 de novembro de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA


Doutora Letícia Queiroz de Carvalho
Instituto Federal do Espírito Santo
Orientadora


Doutor Antonio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo
Membro Interno


Doutor Luciano Novaes Vidon
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Letícia Queiroz de Carvalho, com quem muito aprendi, por ter acreditado e investido seu tempo em minha formação, demonstrando engajamento e ética profissional.

À minha esposa, que me incentivou a buscar o aprendizado, dividindo os bons momentos e ficando ao meu lado nas situações mais difíceis no decorrer deste processo.

À minha irmã, à minha mãe e ao meu filho, que sempre me estimularam nessa jornada.

Aos professores do nosso curso de mestrado por terem compartilhado de seus saberes.

Aos professores que participaram da banca de defesa pela disposição de ler o nosso trabalho e contribuir com seu conhecimento para a continuidade desse diálogo.

Enfim, ao Programa de Mestrado Profissional Profletras, por ter ofertado uma formação de qualidade, compromissada com o desenvolvimento de uma educação inclusiva, ética, dialógica e transformadora.

RESUMO

A pesquisa em tela buscou a potencialização da leitura literária dos estudantes do Ensino Fundamental II por meio de uma proposta dialógica com as narrativas musicais do compositor Chico Buarque. Procuramos o diálogo com a perspectiva bakhtiniana acerca da linguagem e, como forma de analisar as diversas vozes presentes no corpus do compositor mencionado, abordamos o conceito de polifonia (BAKHTIN, 1998, 2002, 2014), uma vez que as personagens das crônicas buarqueanas remetem às heterogêneas vozes constitutivas de nossa sociedade, especialmente as vozes dos excluídos socialmente e, no próprio ambiente escolar, a heterogeneidade do corpo estudantil é composta de vozes diversas. Em consonância com o estudo de Aguiar (2014), tratamos as letras das canções de Chico Buarque selecionadas para esta pesquisa como crônicas narrativas em função da presença significativa de elementos constitutivos desse gênero discursivo. Dessa forma, entendemos que a percepção da relativa estabilidade dos gêneros poderá possibilitar ao aluno uma leitura mais complexa mediante os textos, potencializando esse ato, estimulando sua responsividade. A metodologia adotada nessa pesquisa teve o caráter qualitativo, visto que se amparou na perspectiva dialógica bakhtiniana a partir da análise de narrativas em um processo interacional com os sujeitos da pesquisa, cujas vozes tiveram sua autonomia preservada mediante os conflitos gerados naturalmente nos momentos de interação entre os distintos sujeitos. Desse modo, a pesquisa nos apontou que as narrativas buarqueanas permitem o diálogo com outros gêneros discursivos possibilitando novos caminhos para a leitura literária a fim de estimular a criticidade dos alunos.

Palavras-chave: Chico Buarque. Crônica. Leitura. Polifonia. Letra de canção.

ABSTRACT

The screen research sought to enhance the literary reading of elementary school students II, through the presentation of the musical narratives of the composer Chico Buarque. We seek dialogue with the Bakhtinian perspective on language and, as a way of analyzing the diverse voices present in the corpus of the mentioned composer, we approach the concept of polyphony (BAKHTIN, 1998, 2002, 2014), since the characters of the Buarquean chronicles refer to the heterogeneous constitutive voices of our society, especially the voices of the socially excluded, and in the school environment itself, the heterogeneity of the student body is composed of diverse voices. In agreement with the study of Aguiar (2014), we deal with the lyrics of Chico Buarque's songs selected for this research as narrative chronicles due to the significant presence of constitutive elements of this discursive genre. In this way, we understand that the perception of the relative stability of the genres may enable the student to read more complex texts, enhancing this act, stimulating their responsiveness. The methodology adopted in this research had a qualitative character, since it was supported in the Bakhtinian dialogic perspective from the analysis of narratives in an interaction process with the subjects of the research, whose voices had their autonomy preserved through the conflicts generated naturally in moments of interaction between the different subjects. In this way the research pointed out to us that the buarqueans narratives allow the dialogue with the other discursive genders allowing new ways for the literary reading in order to stimulate the criticism of the students.

Keywords: Chico Buarque. Chronic. Reading. Polyphony. Song lyrics.

LISTA DE FOTOS

Foto1 – Espaço dialógico da pesquisa.....	67
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Gosto musical dos familiares dos participantes.....	73
Quadro 2 - Avaliação dos participantes.....	90

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA.....	16
2.1	CHICO BUARQUE.....	18
2.2	CRÔNICA E LEITURA.....	19
2.3	POLIFONIA.....	22
2.4	LETRA DE CANÇÃO.....	24
3	BASES TEÓRICAS DA PESQUISA.....	28
3.1	CHICO BUARQUE: UM CRONISTA DO COTIDIANO UNIVERSAL.....	28
3.2	O CONCEITO BAKHTINIANO DE POLIFONIA E SUA RESSONÂNCIA NA CRÔNICA MUSICAL DE CHICO BUARQUE.....	33
3.2.1	A polifonia bakhtiniana.....	33
3.2.2	A crônica: potência literária de um gênero menor.....	40
3.2.3	A polifonia na crônica musical de Chico Buarque.....	43
3.2.4	As crônicas do pivete e do país do carnaval.....	48
3.3	BAKHTIN E CHICO BUARQUE EM DIÁLOGO NO POLIFÔNICO CONTEXTO ESCOLAR.....	53
4	O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	62
4.1	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	66
4.2	O ESPAÇO DIALÓGICO.....	66
4.3	PROPOSTA INTERVENTIVA.....	68
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	71
5.1	O PRODUTO EDUCACIONAL.....	83
5.2	VALIDAÇÃO DO PRODUTO COM OS PARES.....	87
5.3	VALIDAÇÃO DO PRODUTO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
	REFERÊNCIAS.....	96
	APÊNDICE A – Questionário.....	99
	APÊNDICE B – Avaliação do minicurso no diálogo com os pares.....	100
	APÊNDICE C – Avaliação dos participantes da pesquisa.....	101

APÊNDICE D – Termo de cessão de imagem e de voz para fins educacionais.....	102
APÊNDICE E – Carta de Autorização.....	104

1 INTRODUÇÃO

No decorrer de minha¹ formação familiar e acadêmica, a leitura literária sempre foi um elemento presente. O prazer do ato da leitura, gesto descompromissado com teorias e academicismos, despertou-me para o fascínio provocado pelas artimanhas do uso criativo, artístico da linguagem. Fui estudante de escola pública estadual em todos os anos dos ensinos fundamental e médio, num período em que se investia menos ainda no acervo literário da escola e da biblioteca municipal e, desde o início de minha formação escolar, procurei meios de alcançar a fruição causada pelo ato da leitura literária.

Segundo Candido (2011), não há povo ou homem que consiga viver sem algum momento de fabulação. Entre as minhas fabulações, devo reconhecer que ser professor nunca foi uma delas. Desse modo, no Ensino Médio optei por fazer o curso de Técnico em Contabilidade, atividade a qual nunca exerci. Contudo, mesmo nesse período de estudo em uma área das ciências exatas, jamais deixei de fabular com as leituras dos autores canônicos e dos autores de best-sellers, passando pelos clássicos e pelos modismos. As leituras de José de Alencar, Machado de Assis, Rubem Fonseca, Herman Hesse, entre outras, foram fundamentais para que eu começasse a pensar na importância da estilística no desenvolvimento de minha escrita.

Nesse momento, percebo o quanto é atual e coerente o ensaio de Bakhtin (2013)² concernente ao ensino gramatical com base na expressividade da língua, no potencial metafórico e criativo proporcionado pelo texto literário. Mesmo sem o conhecimento da gramática normativa, ou talvez justamente por esse desconhecimento, tentava escrever exercendo o uso mais criativo de nossa língua, claro que ainda com uma visão um tanto direcionada à valorização do vocabulário erudito, reflexo de uma sociedade que não enfatiza a beleza atingida muitas vezes

¹ Nesse momento dialógico, optamos pelo discurso em primeira pessoa do singular uma vez que se trata de uma narrativa de cunho pessoal.

² BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013. Esse ensaio foi fundamental à nossa pesquisa a fim de que pudéssemos dialogar com Bakhtin em exercício da função de professor.

pelo uso de um vocabulário mais simples, porém dotado de imagens ricas, inusitadas e poéticas.

Encerrando o ciclo do Ensino Médio, ingressei no mercado de trabalho, no setor de comércio, sem perspectiva de fazer um curso superior. Entretanto, após três anos de conclusão do ensino regular, sem deixar de ser um leitor frequente, decidi fazer o vestibular da Ufes para o curso de Letras/Português em 1997, pois sentia a necessidade de conhecer o que fosse possível sobre a arte literária. Mesmo assim, não idealizava uma carreira no magistério. Porém, enquanto cursava Letras, fui impulsionado a trabalhar no contexto educacional, com pequena carga horária em uma escola estadual em 1999. Então começaram as fabulações referentes ao ensino libertador, às possibilidades de motivação do hábito da leitura dos alunos com o intuito de despertar neles a mesma paixão pela literatura que me impulsionara a ingressar na universidade.

Encerrado esse ano letivo, exerci o magistério como professor estagiário na formação de funcionários de empresas no curso supletivo de níveis fundamental e médio. Lecionar para trabalhadores foi uma experiência prazerosa e gratificante, pois sentia a valorização do trabalho de nossa equipe pedagógica. A turma do Ensino Médio permitiu um trabalho dialógico entre a literatura, o cinema, a ponto de os alunos agirem como pesquisadores interessados na apresentação de alguns trabalhos. Simultaneamente, fiz o curso técnico de guia de turismo, que me permitiu atuar como guia regional por alguns anos. Enfim concluí o curso de Letras, de modo que não pude mais atuar com essa modalidade de ensino na função de professor estagiário. Portanto, voltei a trabalhar na rede estadual de ensino em 2003 ainda com a ambição de formar leitores.

No final desse mesmo ano, inscrevi-me no concurso do magistério da Prefeitura de Vila Velha e fui aprovado, ingressando como professor efetivo de Língua Portuguesa nessa rede em 2004. A empolgação inicial levou-me a enfatizar a leitura literária dos alunos. Algumas turmas deram um retorno satisfatório, pois presenciei jovens explorando o universo literário de forma que alguns se aventuraram na escrita poética. Tivemos um bom momento em relação a investimentos na estrutura das escolas e na aquisição do acervo das bibliotecas. Após sete anos de trabalho na mesma escola, experimentei trabalhar em uma escola rural da mesma rede. Embora

a instituição fosse situada numa área denominada rural, muitos alunos eram provenientes dos bairros de periferia próximos à região. Ali, também pude desenvolver um trabalho dialógico com os discentes, explorando as relações entre literatura e cinema, música, especialmente com as turmas de nono ano de modo que vários alunos buscaram se expressar oralmente e também na escrita de poemas. As do sexto ano eram muito indisciplinadas, o que dificultava muito a realização de alguns projetos.

Todavia, pela difícil acessibilidade à escola em função de outros compromissos, no ano seguinte, pelo processo de remoção, fui trabalhar na UMEF “Alger Ribeiro Bossois”, situada em Cidade da Barra, na região V de Vila Velha³, onde permaneci por mais três anos. Os investimentos em educação escassearam, e houve momentos em que as turmas eram muito indisciplinadas e outros em que foi possível desenvolver um trabalho dialógico com a linguagem e o contexto sócio-político de poemas e textos musicais.

Posteriormente, optei por trabalhar mais próximo de minha residência, porém com um corpo discente muito indisciplinado, com estrutura familiar precária e um histórico de crimes na comunidade. Na minha outra carga horária, consegui um espaço para o ensino noturno na modalidade da EJA. Nesse momento, compartilhando experiências negativas com os colegas em relação ao trabalho docente, às cobranças do sistema e à desvalorização de nosso trabalho, tudo isso aliado a uma jornada dupla de trabalho, senti-me desmotivado quanto aos rumos do processo educacional. No entanto, ao tomar conhecimento do Profletras, decidi tentar o ingresso no mestrado a fim de me qualificar, o que também influenciaria na progressão do meu plano de carreira.

Uma questão me incomodava há algum tempo: como estimular os alunos a se aventurarem nos fascínios da leitura literária? Não tinha muita perspectiva em relação a isso, mas, ao ingressar no programa de mestrado profissional, fui ampliando minha concepção no que se refere ao ensino da nossa língua. O fato de

³ A Região V do município de Vila Velha é composta pelos seguintes bairros: Barra do Jucu; Balneário Ponta da Fruta; Barramares; Cidade da Barra; Interlagos; Jabaeté; João Goulart; Morada da Barra; Morada do Sol; Morro da Lagoa; Normília da Cunha; Nova Ponta da Fruta; Ponta da Fruta; Praia dos Recifes; Riviera da Barra; Santa Paula I; Santa Paula II; São Conrado; Terra Vermelha; Ulisses Guimarães e Vinte e Três de Maio. Fonte: <http://www.vilavelha.es.gov.br/paginas/infraestrutura-projetos-e-obras-regionais-administrativas>. Acesso em 25/02/2018.

me tornar um professor pesquisador trouxe estímulo para que me empenhasse a despertar nos alunos os pesquisadores que eles podem vir a ser. A teoria bakhtiniana do dialogismo ajudou-me a perceber o quanto o trabalho monológico está atrelado em nossa prática docente sem que possamos percebê-lo, e isso torna a nossa prática educativa ineficaz.

Justamente em função de uma proposta dialógica da prática docente, vejo como fundamental o estímulo a uma postura responsiva⁴ por parte dos alunos para que possam desenvolver sua autonomia enquanto seres críticos e éticos. Por essa razão, vejo que o incentivo à leitura literária poderá ser tão benéfico aos alunos o quanto foi em minha vida. Penso nas questões que seriam mais produtivas ainda se eu as tivesse em minha formação inicial, como a apresentação dos gêneros discursivos, sua relativa estabilidade e a relação dialógica inerente às múltiplas linguagens, de modo que as percebo como relevantes para a formação de nossos jovens alunos.

Em função disso, parto da pergunta que motivou essa pesquisa: Como potencializar nos alunos do ensino fundamental a leitura literária partindo das narrativas musicais de Chico Buarque? Desse modo, busquei desenvolver essa pesquisa partindo dos seguintes objetivos:

Objetivo Geral

- Reunir estratégias para trabalhar com os alunos as crônicas musicais narrativas de Chico Buarque e sua relação com a leitura literária, potencializando a leitura crítica do material e a percepção do caráter dialógico dos textos.

Objetivos Específicos

- Entender as singularidades das narrativas musicais de Chico Buarque.

⁴ Os termos dialogismo e responsividade foram desenvolvidos do decorrer do trabalho.

- Relacionar as letras das narrativas escolhidas à leitura de textos literários brasileiros.
- Promover a leitura crítica de textos literários com alunos do Ensino Fundamental II.
- Elaborar um Caderno Pedagógico a partir das narrativas musicais buarqueanas, apresentadas em diálogo com textos literários que as influenciaram no desenvolvimento do projeto, de modo que sirva como material de apoio para os docentes da Língua Portuguesa a fim de que possam desenvolver atividades de interpretação de textos a partir de músicas em consonância com o acervo cultural do aluno.

A pesquisa em tela seguirá o seguinte percurso: no primeiro capítulo, apresentaremos o diálogo com as pesquisas da área que nos auxiliaram na busca da palavra e da contra palavra a partir de nossa problematização; no segundo capítulo, apresentamos as bases teóricas da pesquisa, buscando a aproximação entre a polifonia bakhtiniana, as narrativas musicais buarqueanas e a crônica e sua aplicabilidade no contexto escolar; no terceiro capítulo, explicitamos o percurso metodológico da pesquisa, que se guiou pela abordagem qualitativa e interventiva; no quarto capítulo, faremos a exposição da análise dos dados a partir da proposta interventiva com os alunos; por fim, no quinto capítulo, traremos nossas considerações finais acerca do resultado de todo o processo dialógico que buscamos realizar com os participantes da pesquisa.

2 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. (Mikhail Bakhtin)

O pensador russo Mikhail Bakhtin, em sua *Estética da Criação Verbal*(1997), já atentava para a heterogeneidade dos gêneros discursivos e sua relativa estabilidade. Ao nos depararmos com enunciados intencionalmente artísticos, podemos perceber o quanto eles podem ser influenciados por gêneros discursivos diversos, formando uma ampla rede dialógica.

Dessa forma, entendemos que as canções são enunciados os quais apresentam hibridismo em sua composição uma vez que, além dos aspectos melódicos, da escolha dos arranjos, as letras são dotadas de atributos concernentes aos gêneros literários tais como a poesia, o conto e até mesmo a crônica. Por esse caminho, percebemos, por exemplo, os elementos narrativos do conto na letra de “Faroeste caboclo”, da icônica banda Legião Urbana⁵. Podemos citar ainda o “Rondó do capitão”, de Manuel Bandeira, e a “Rosa de Hiroshima”, de Vinicius de Moraes, musicados, em 1973, pelo grupo Secos e Molhados⁶, como forma de relação dialógica entre gêneros distintos.

Em referência ao gênero discursivo canção na formação cultural dos jovens, percebemos que há uma forte relação entre eles e a canção conforme afirma Luiz Tatit:

Bom, aqui no Brasil, essa audição de rádio, atualmente pelos vieses da internet, tem mais importância do que propriamente a vida literária ou a vida mais intelectualizada, como se concebia anteriormente. Quer dizer, o estudante para se desenvolver precisaria ter acesso a livros, a leituras de livros didáticos ou literatura. E hoje a gente vê que os estudantes se interessam muito mais por canções e bandas de rock, bandas de toda natureza que surgem por aí, do que propriamente se equipar com essa parte toda mais artística ou mais literária que já está consagrada. Na verdade, o que se frui atualmente é uma atividade

⁵ Legião Urbana/ Compositor – Renato Russo/Ano de divulgação – 1987/Álbum – **Que país é este**.

⁶Secos & Molhados – 1973 – Álbum – **Secos & Molhados** – Remasterizado em 1999.

ainda não consolidada, ainda não consagrada, do ponto de vista acadêmico, que é o mundo da canção.

Então, esse mundo cancional, pra gente, no Brasil, é muito mais importante que os demais mundos, porque realmente é aquele que realmente aproxima a juventude, gente que está começando a estudar. Os próprios professores são muitos mais formados por canção do que poesia, ou literatura. Normalmente só veem isso na escola, depois nunca mais. O mundo cancional tem algo especial. O mundo cancional é sempre melodia e letra. Ou seja, aquela letra sozinha não significa nada, ou significa muito pouco. Aquela melodia sozinha não significa absolutamente nada musicalmente, mas quando as duas coisas estão juntas têm um poder de persuasão e de elevação cultural nos jovens impressionante⁷.

Em consonância com essas observações de Tatit, notamos em nossos jovens alunos o estreito relacionamento desses com o universo da canção o qual abrange não só a temática lírico-amorosa, mas também os reflexos do comportamento social contemporâneo em grupos minoritários e as questões político-sociais abordadas em gêneros como o rap, por exemplo. Contudo, buscamos ampliar os conhecimentos dos alunos no âmbito literário e, como forma de diálogo com a realidade vivenciada pelos alunos, podemos desenvolver um estreitamento entre a canção e os gêneros literários.

A obra musical de Chico Buarque é, sem dúvida, riquíssima como fonte de estudo em termos de crítica social, estilo e qualidade estética. Por essa razão, os estudos acerca de sua obra, os quais existem em considerável quantidade, não se esgotaram. Trata-se de um compositor cujas letras estimulam uma leitura que vai dos processos históricos nos quais foram construídas até as relações com a nossa cotidianidade, já que muitos dos elementos por ele denunciados em letras de décadas anteriores permanecem em nosso atual contexto social. Embora estejamos inseridos em uma sociedade supostamente democrática, a desigualdade social frequentemente denunciada pelo artista se faz presente décadas após o fim da ditadura militar.

⁷Transcrição da entrevista disponível em: <http://plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/851/luiz-tatit-letra-e-musica-na-cancao-popular.html>. Acessado em 07/11/2018, às 14h. O site www.plataformadoletramento.org.br não disponibilizou a data da entrevista e o nome do entrevistador.

A cotidianidade do brasileiro se expressa nas narrativas musicais do icônico compositor na forma de crônicas musicadas, uma vez que diversas letras por ele compostas possuem os elementos típicos de uma crônica em termos temáticos, estilísticos e composicionais. Em função disso, a pesquisa proposta foi baseada nas proximidades entre as narrativas cotidianas nas canções de Chico Buarque e os gêneros literários tais como crônica, conto e poesia. Como referencial teórico, buscamos o diálogo com pesquisas realizadas no período entre 2014 e 2016, no banco de teses e dissertações da Capes e no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), visando à atualidade dos estudos em relação ao tema a fim de que o projeto dialogue com as produções acadêmicas mais recentes. Como ponto de partida para as buscas, empregamos como descritores Chico Buarque, crônica, leitura, polifonia e letra de música.

2.1 CHICO BUARQUE

A atuação do compositor na condição de crítico de um sistema de exclusão social é reconhecida em diversas esferas sociais, sobretudo as acadêmicas, dadas as vastas teses e dissertações referentes à sua obra. Contudo, esses estudos não se restringem apenas ao contexto da ditadura militar e suas formas de opressão (censura, tortura, execuções); eles abordam a posição da mulher enquanto sujeito, a cotidianidade do cidadão comum, o lirismo amoroso, entre outros.

Assim, temos Vasconcelos (2014) com sua dissertação acerca das formações discursivas e ideológicas das mulheres nas canções de Chico Buarque, identificando o interdiscurso da/sobre a mulher em cinco canções compostas entre 1964 e 1979. O locutor, em meio a uma sociedade oprimida pela ditadura, ocupa diferentes posições, que vão da mulher submissa à mulher de vanguarda, da submissão do sujeito-mulher à sua independência. A autora baseou-se na Análise do Discurso de Linha Francesa, de Pêcheux, desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil. Embora o foco de nossa pesquisa não seja a análise do discurso, consideramos relevante o diálogo com essa tese em função da recorrência das vozes femininas nas canções de Chico Buarque e da cotidianidade a elas relacionada.

Em relação à cotidianidade do brasileiro, deparamo-nos com Aguiar (2014), a qual desenvolve sua pesquisa explorando a semelhança entre as letras das músicas do compositor e as crônicas. Segundo a autora, as letras do compositor não só retratam

o cotidiano do brasileiro como também avaliam o dia a dia da sociedade brasileira enquanto criam ou destacam ideias e conceitos os quais são aceitos por grande parte de nossa população no recorte temporal da década de 60 ao início do século XXI. Miriam Bevilacqua Aguiar, inclusive, inicia seu texto com as palavras de Rubem Braga a respeito da canção “A banda”: “A banda é algo que todo mundo entende e que emociona todo mundo. É simples, tem graça e tem lirismo, é tão nova e tão antiga, é uma boa crônica cheia de poesia” (BRAGA, 2014, p.9).

As palavras do reconhecido cronista corroboram os aspectos da crônica presentes na composição de Chico Buarque: simplicidade, linguagem cotidiana, atualidade e subjetividade por meio do lirismo. Esses aspectos demonstram a relativa estabilidade dos gêneros discursivos e o modo como eles podem se mesclar, apropriando-se dos elementos um do outro. O diálogo entre o gênero crônica e as canções buarqueanas que apresentam narrativas cotidianas podem potencializar o processo de leitura pelas associações de ideias e pela sensibilização dos leitores em formação.

2.2 CRÔNICA E LEITURA

A potencialização da capacidade de leitura dos alunos no ensino fundamental tem sido uma meta bastante almejada pelas equipes pedagógicas. Sabemos que o baixo nível de compreensão do texto por parte dos alunos e da comunidade escolar tem sido um fator que gera preocupação também em relação às secretarias de educação, haja vista os resultados negativos nos diversos testes aplicados ao final de cada ciclo do Ensino Fundamental. É claro que se trata de avaliações ou testes padronizados, questionáveis em sua estrutura e funcionalidade, contudo, o cotidiano na sala de aula revela as reais dificuldades dos docentes no decorrer das atividades de leitura e interpretação de texto. A cotidianidade presente no gênero crônica assim como os aspectos linguísticos e estilísticos explorados por esse gênero são fatores estimulantes passíveis de potencializar o interesse dos alunos concernente ao ato da leitura.

Em sua pesquisa, Santos (2016) desenvolve uma proposta de ensino da Língua Portuguesa por meio da leitura de crônicas, pois afirma que a maioria dos alunos do Ensino Básico apresenta dificuldades de leitura, compreensão e produção textuais.

O autor investiga a maneira como o gênero textual crônica pode auxiliar o aluno a desenvolver uma competência leitora por meio de diversas atividades. Ele parte da concepção de linguagem como atividade interacional e como isso se manifesta no gênero crônica. Sua fundamentação teórica ampara-se em Bakhtin (1997), e Marcuschi (2008) para uma abordagem dos gêneros na interação social e em Koch (2009) e Villardi (1999) a fim de discorrer acerca da importância da interação autor-texto-leitor.

Em determinado momento, ele menciona que a crônica vai além da leveza, pois ela apresenta a cumplicidade entre autor e leitor referente aos temas e questões a serem discutidos no texto. De fato, considerando o texto dentro de uma perspectiva dialógica, temos na crônica a proximidade entre autor e leitor; por vezes, o cronista chama o leitor para o diálogo, lançando reflexões a partir de suas impressões acerca de fatos cotidianos, sejam verídicos ou não.

Aguiar (2014), por sua vez, afirma que a crônica não precisa necessariamente constituir um texto em prosa e que, atualmente, não pode ser restrita apenas ao gênero jornalístico. Não é somente a forma que define um texto como crônica, mas sim seus elementos constitutivos como, por exemplo, o conteúdo. A autora então defende que os elementos típicos da crônica são encontrados em canções buarqueanas.

A crônica traz em seu aspecto composicional os fatos corriqueiros do dia a dia numa linguagem que não é nem acadêmica, nem jornalística, e o gênero não pode mais ser determinado apenas pelo suporte, que tradicionalmente fora por muito tempo o jornal. Como concepção de crônica, Aguiar recorre a Antônio Cândido:

[...] a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada. Mas igualmente sérias são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente[...]. (CÂNDIDO, 1998, p.12)

Conforme a autora, o olhar de um cronista consegue captar temas como um pivete de rua, um operário de uma construção, um casamento burguês para fazer disso poesia. E esse olhar de Chico Buarque sobre a cotidianidade reflete em suas

narrativas musicais, estabelecendo a ideia de cumplicidade com os seus leitores/ouvintes.

Seguindo esse pensamento de que os hibridismos⁸ a que estão sujeitos os gêneros discursivos nos permitem avaliar um texto além de seu molde tradicional, encontramos na tese de Pacheco (2014) um estudo acerca das crônicas musicais do compositor em questão. No decorrer da leitura do texto, percebe-se o uso frequente da expressão “crônica musical”. A autora baseia-se na Análise Crítica do Discurso, de vertente sociocognitiva, a fim de analisar as formas de representação verbal do feminino nas crônicas musicais de Chico Buarque no período entre 1960 e 1980.

Inicialmente, a pesquisadora identificou 86 composições cuja temática era o feminino; posteriormente, considerou a análise de 60 em função do contexto de repressão política instaurada pela ditadura militar no período citado. Em seguida, organizou-as conforme os seguintes temas em que o feminino é expresso a partir:

- a) da voz de uma mulher que expressa os seus desejos;
- b) de situações conflitantes;
- c) da voz masculina do parceiro;
- d) da voz masculina do filho.

No capítulo IV de sua tese, *Os contextos e a crônica de Chico Buarque*, Pacheco apresenta a análise das crônicas musicais selecionadas. Ela também discorre acerca do gênero feminino como um construto social citando Cháneton (2019), para quem “[...] a materialidade do discurso produz efeitos de sentido que tendem a relacionar os gêneros e as identidades sociais” (PACHECO, 2014, p.101). Em função disso, a autora busca verificar quais valores são atribuídos socialmente às mulheres nas composições selecionadas, observando também a ironia do cronista relacionada à exaltação do papel submisso da mulher pelo discurso patriarcal vigente nesse período.

⁸ Empregamos o termo hibridismo como a presença de traços marcantes de um gênero discursivo em um enunciado de gênero distinto.

Nesse mesmo capítulo, há uma aproximação entre o Machado de Assis cronista e o Chico cronista, no sentido de que ambos criticam a sociedade de sua época evidenciando o cotidiano comum das pessoas, cada qual com suas peculiaridades linguísticas e sua ironia: o primeiro, no espaço dos jornais; o segundo, no cenário musical. Este explora sua linguagem poética com o intuito de ocultar o sujeito, buscando a construção de opiniões a partir de marcos de cognição. Esse estudo contribui com a nossa pesquisa uma vez que discorre sobre pontos relevantes, tais como a concepção de crônica musical, contexto e crítica social.

2.3 POLIFONIA

O conceito de polifonia, que, inicialmente fora empregado na teoria musical, foi desenvolvido por Bakhtin a partir dos estudos relacionados ao romance de Dostoiévski⁹. O reconhecimento das diversificadas vozes que historicamente compõem um enunciado nos leva a analisar as diversas ideologias a ele subjacentes. Por vezes, as crônicas apresentam impressões do autor que, por sua vez, fora influenciado ao longo de sua formação por outros discursos. E na relação de cumplicidade com o leitor, outras vozes são acionadas e vão construindo essa complexa rede ideológica.

Segundo Kato (2016), a crônica fora considerada um gênero menor por um significativo tempo e, não obstante a sua atual aceitação como relevante gênero literário, incluindo vários estudos acerca do tema, ainda é pouco estudada do ponto de vista linguístico. A pesquisadora então se propõe a analisar “as vozes que se mesclam nesse espaço discursivo, as quais ora se confirmam, ora se contradizem, sempre em um confronto” (p.6). Ampara-se no conceito de heterogeneidade enunciativa desenvolvido por Jacqueline Authier-Revuz (2004).

Concernente ao conceito de polifonia, Kato adota a concepção de Ducrot (1987), o qual demarca a alteridade nos enunciados e nas ideologias existentes nas vozes que constituem um discurso. Ela ainda menciona o fato de o dialogismo de Bakhtin ter contribuído para a fundamentação do conceito de heterogeneidade enunciativa e de polifonia em Authier-Revuz e Ducrot, respectivamente.

⁹ O termo polifonia será desenvolvido de modo detalhado no próximo capítulo.

A autora reconhece que a literatura, na perspectiva da discursividade, é constituída de posicionamentos ideológicos já que retrata os aspectos sócio-históricos, mesmo em forma de ficção. Além disso, a literatura opera por meio da linguagem, e esta manifesta a cultura de maneira literária. Por isso, a literatura permite a análise da heterogeneidade enunciativa e da polifonia, o que se comprova por meio dos estudos de Bakhtin (1981) relacionados ao romance de Dostoiévski.

Ainda citando Bakhtin, a pesquisadora afirma que “O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros” (BAKHTIN, 2002, p. 195). Isso significa que a palavra não é monológica, em vez disso, torna-se plurivalente, e por essa razão a linguagem é constituída pelo dialogismo. Em função disso, as vozes sociais e históricas de um discurso, oriundos da interação, não podem ser anuladas. E nas crônicas, ainda que o sujeito dialogue consigo mesmo, traz por meio da enunciação as relações dialógicas.

A pesquisadora desenvolve sua dissertação discorrendo acerca da polifonia bakhtiniana, esta direcionada à esfera do romance. A autora então estende esse conceito a partir da aplicação linguística da polifonia segundo Ducrot (1987) dentro do que ele definiu como “pragmática semântica” ou “pragmática linguística”.

Em sua pesquisa, a autora analisa a polifonia presente em crônicas de Carlos Drummond de Andrade produzidas nos anos 70, observando os discursos presentes em cada crônica em suas diversidades, sejam políticas, sociais, artísticas, entre outras. O corpus analisado é constituído das seguintes crônicas: “Receita”, “A moda é muda”, “Calça literária” e “Moça na chuva”. A pesquisadora buscou a desconstrução das crônicas drummondianas, no sentido de uma análise da heterogeneidade discursiva desses enunciados, a fim de observar a impossibilidade de um sujeito isento de ideologias, pois ele não é dono de seu dizer, reproduzindo apenas o já dito, e é “[...] perpassado por outros discursos, e, conseqüentemente, por ideologias” (KATO, 2016, p.140).

O conceito de polifonia também é abordado por Pacheco (2014) em decorrência das vozes que atribuem valores tanto à mulher quanto ao homem, para que, dessa forma, verifique-se a construção social do papel da mulher na sociedade, mas cabe ao enunciator a representação do “que se quer dizer” por meio do “como se diz”, o

que significa que o locutor expressa-se pela voz de enunciador (es), em uma alteridade, pela qual o “outro” está na voz do “eu” (p.101).

2.4 LETRA DE CANÇÃO

Com o desenvolvimento de novos suportes tecnológicos, o acesso aos textos musicais tornou-se cada vez mais facilitado. Grande parte dos alunos, seja na rede pública ou privada, tem condições de acessar uma quantidade imensurável de músicas através de seus dispositivos móveis. A pesquisadora Souza (2014), em sua tese *Percursos de leitura: trabalhando com a letra de canção na sala de aula*, discorre acerca da relevância da letra da música no contexto educacional. O estudo desse gênero pode servir forma de introdução aos estudos literários, que ainda são restritos, nos materiais didáticos, à apresentação cronológica de movimentos e autores.

A autora procura situar a letra de canção dentro da teoria bakhtiniana como gênero poético do discurso. Esse trabalho dialoga com a nossa pesquisa uma vez que a relativa estabilidade dos enunciados nos permite fazer aproximações entre letra de música, poesia, narrativa e crônica. O trabalho a ser desenvolvido em sala de aula deve ser direcionado à formação do leitor autônomo e crítico; devemos buscar maneiras de provocar reflexões nos alunos acerca dos enunciados difundidos em nossa cultura. Devemos ressaltar que abordamos em nossa pesquisa o estudo da letra de música como gênero e sua capacidade de assimilar traços de outros gêneros discursivos. Esse hibridismo deve ser apresentado ao aluno a fim de que, em sua formação, ele perceba o dinamismo presente na linguagem assim como o dialogismo existente nos diversos gêneros do discurso.

As letras de música, na tese de Pacheco (2014), concernente ao corpus selecionado dentro da obra de Chico Buarque, são denominadas crônicas musicais. O potencial crítico dessas composições aliado aos modos de dizer do autor, que precisava ludibriar a censura da época, pode ser um elemento que potencialize a leitura dos alunos, pois promove a reflexão sobre o contexto, os usos da língua e a identificação de estratégias linguísticas e literárias presentes na construção de cada texto abordado.

A potencialização da leitura literária a partir de elementos da letra de música é abordada pela pesquisadora Agustino (2015), que discorre acerca da apresentação de canções do gênero RAP, da canção “Cálice”, de Chico Buarque e do poema “José”, de Drummond, no contexto da sala de aula. A autora defende que é possível estimular a leitura de textos poéticos a partir de um trabalho de sensibilização com o aluno abordando textos que lhes interessem para que se possa então apresentar textos fora de seu domínio comum. Pretende-se demonstrar-lhes as relações dialógicas dos textos com o contexto social.

Como fundamentação teórica, Agustino recorre aos conceitos de Bakhtin e do Círculo, tendo em vista o diálogo que se estabelece entre as canções ao longo do tempo. Os conceitos de linguagem, enunciado, enunciado concreto, relações dialógicas são retomados como pilares teóricos de sua pesquisa. Trata-se de um trabalho cuja finalidade é aplicar o arcabouço teórico em benefício do aluno o qual hoje necessita de estímulos e estratégias que lhe potencializem a capacidade de leitura, e, nessa questão, vai ao encontro dos objetivos de nossa pesquisa.

Portanto, para que nossa pesquisa se desenvolvesse dentro de uma perspectiva dialógica, tornou-se necessário o mapeamento de pesquisas que tenham desenvolvido temas pertinentes à nossa proposta. Dessa forma, temos em Aguiar (2014) a aproximação entre a crônica e as letras de música do compositor Chico Buarque, a partir da cotidianidade dos acontecimentos relatados nos textos; em Vasconcelos (2014), encontramos as formações ideológicas e discursivas da mulher nas canções buarqueanas, e parte do corpus das letras analisadas relaciona-se a personagens femininas; em Santos (2016), observamos o modo como a leitura de crônicas pode desenvolver o potencial de leitura dos estudantes em sala de aula, uma vez que há deficiências no processo de leitura, compreensão e interpretação de textos; em Kato (2016), deparamo-nos com o conceito de polifonia aplicado às crônicas de Drummond, mostrando o potencial enunciativo-discursivo desse gênero referente às diversificadas vozes que o constituem e às ideologias a ele subjacentes; em Souza (2016), vemos a necessidade de se trabalhar com a letra de música em sala de aula a fim de criar um interesse literário a partir do caráter dialógico dos textos.

As vozes aqui mencionadas tendem a dialogar com nossa pesquisa, possibilitando a ampliação das discussões acerca deste trabalho, afinal, um tema não se esgota, ele sempre pode ser revisitado, apontando novos caminhos a serem trilhados. As produções acadêmicas citadas contribuirão em muito com o trabalho proposto, pois deverão possibilitar a reflexão necessária para que também possamos contribuir com as discussões concernentes à problemática da potencialização da leitura dos alunos da educação básica. Assim, temos:

- a) Aguiar (2014), cuja tese aborda a cotidianidade das composições de Chico Buarque, que as qualificam como crônica pelo seu desenvolvimento narrativo, demonstrando que os gêneros textuais não são estanques, fator esse que pode ajudar os alunos a perceberem relativa estabilidade dos gêneros;
- b) Agustino (2015), que aplica os conceitos bakhtinianos de dialogismo e gêneros discursivos como proposta para o estímulo à leitura apresentando o desconhecido (MPB, poesia) e os possíveis diálogos com os elementos já conhecidos em seu contexto, nesse caso, o RAP. Essa aproximação entre o culto (antes popular) e o popular da atualidade traz uma nova experimentação aos alunos;
- c) Kato (2016) e a polifonia, abrangendo a discursividade e as ideologias a partir de crônicas drummondianas, assim como os aspectos sócio-históricos inerentes aos textos literários, e a exploração desse potencial discursivo pode ser enriquecedor para o aluno no sentido de ampliar sua concepção de interpretação textual;
- d) Pacheco (2014), que analisa as crônicas musicais de Chico Buarque e as representações do feminino presentes nesses textos, remetendo o leitor ao contexto repressivo, à máscara social imposta à mulher e à ironia buarqueana na crítica desse sistema. O reconhecimento desses elementos no texto apontam as possibilidades de interpretação além da superfície.
- e) Santos (2016), que propõe a leitura de crônicas no espaço escolar uma vez que o gênero crônica é dotado de dialogismo e interação com o leitor.

Tais fatores despertariam no aluno o interesse pela leitura, ponto de interesse de nosso projeto.

- f) Souza (2014), a qual apresenta o trabalho com letras de música como elemento que possibilita a introdução aos estudos literários dentro de uma perspectiva bakhtiniana de gênero poético do discurso. Tal proposta nos direciona ao objetivo de formar um leitor dotado de criticidade.
- g) Vasconcelos (2014), que investiga as formações discursivas e ideológicas da mulher em canções buarqueanas no período do regime militar. É relevante esse estudo no sentido de trazer pressupostos teóricos que nos auxiliem na seleção do corpus a ser analisado e, posteriormente, aplicado ao projeto.

Essas pesquisas demonstram a relevância de mantermos um diálogo concernente aos temas pesquisados, pois nos apontam caminhos a fim de que possamos acrescentar mais uma voz a esse tecido em constante expansão. A seguir, trataremos dos pressupostos teóricos os quais nos permitirão participar dessa relação dialógica construída pelas tantas vozes que se empenham em contribuir para com as questões da língua e da literatura.

3 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

3.1 CHICO BUARQUE: UM CRONISTA DO COTIDIANO UNIVERSAL

No meio acadêmico, assim como nos demais meios considerados elitizados, temos o reconhecimento da relevância da obra de Francisco Buarque de Holanda para a nossa cultura em função de seu alto teor crítico e de sua qualidade estética. Seja como compositor, dramaturgo ou romancista, o artista tornou-se há muito tempo unanimidade em termos de potencial criativo em gêneros discursivos distintos, os quais apresentam uma qualidade estética aliada ao engajamento político-social, constituindo, assim, um conjunto da obra de caráter ímpar.

Sua particularidade consiste na interlocução constante com o seu tempo e o contexto da sociedade brasileira, para que, a partir deste, dialogue com os elementos universais da cultura humana. A cotidianidade presente em muitas de suas canções, se bem observada, alcança temáticas comuns à espécie humana em espaços e tempos distintos: dor, separação, repressão, ternura, submissão, saudade, amor, entre outros. Essa percepção do universal é desenvolvida no ensaio de Adélia Bezerra de Meneses, *Dois guriis – ou a maternidade perdida*, presente na coletânea de Fernandes (2013). A ensaísta parte da análise das canções “O meu guri” e “Angélica” a fim de demonstrar que a forma, por meios de recursos musicais e poéticos, tais como rimas e aliteraões, permitiu que os textos passassem do caráter particular para o universal, de modo que pudesse ser assimilada a situação de perda pelo receptor em função da eficácia estética dos textos. Nessa questão, Meneses dialoga com Adorno (1962) e Cândido (2011): o primeiro pela passagem do circunstancial para o universal; o segundo pela generalidade e pela permanência a que uma obra pode atingir.

Justamente esse potencial estético de Chico permite que suas canções ultrapassem os limites de uma forma e dialoguem com outro gênero discursivo, nesse caso, a crônica. O autor consegue trazer a cotidianidade em suas canções empregando narraões próprias do universo da crônica narrativa. As personagens de suas crônicas musicais são elementos comuns de nossa sociedade: a mulher, o pedreiro, o marido, a mãe, o pivete, a prostituta. Isso possibilita a aproximação do leitor e o diálogo com o passado e o presente, o local e o universal.

A trajetória desse artista é marcada pelo reconhecimento da crítica e do público desde a sua juventude. Nascido no Rio de Janeiro, em 1944, pôde acompanhar importantes acontecimentos da história de nosso país: o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, a ascensão de JK, a renúncia de Jânio Quadros, a queda de João Goulart e o estabelecimento do regime militar em 1964. No âmbito cultural, acompanhou com entusiasmo a Bossa Nova, que o influenciara para que seguisse na música. Teve a experiência de morar por dois anos na Itália, em função do trabalho de seu pai, Sérgio Buarque de Holanda¹⁰, que fora lecionar na Universidade de Roma em 1953. Lá estudou em uma escola americana, onde aprendeu inglês; na rua, aprendeu italiano. De volta ao Brasil, mais especificamente São Paulo, foi estudar no colégio Santa Cruz, onde manifestou sua veia literária publicando contos e crônicas para o jornal da escola.

Em 1963, Chico ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo embora já tivesse forte interesse pela música. Em 1964 ocorreu o golpe militar, gerando um arrefecimento das questões políticas na universidade; ele então começou a intensificar sua participação no meio musical. Participou de rodas de música em barzinhos, as quais apelidou de “sambafos”, e, como havia muitos shows de música em São Paulo, com nomes consagrados e novatos, participou de vários. Mas logo houve o início dos Atos Institucionais, que cessaram os direitos políticos de parlamentares e estabeleceram a censura nos meios de comunicação, no cinema e na indústria musical, entre outros.

Em 1965, gravou pela primeira vez um compacto, cantando “Pedro pedreiro” e “Sonho de um carnaval”. Esse trabalho marca o início de sua “ruptura” com as influências da Bossa Nova e sua identidade como artista. Na primeira canção, o então leitor de Guimarães Rosa (HOMEM, 2009) emprega o neologismo “pensiero” a fim de mostrar as angústias e as expectativas do cotidiano de um homem comum: o aumento que não vem, o trem, o filho, o carnaval, o bilhete da loteria federal, a volta ao Norte e a morte, e o conformismo de não sonhar demais, contentar-se em esperar o trem e nada mais. Segundo Sônia Maria van Dijck Lima, no ensaio “Atualidade de Pedro Pedreiro” (FERNANDES, 2013), o elemento carnaval, citado nessa crônica musical, refere-se a um evento coletivo em que é possível subverter a

¹⁰ Sérgio Buarque de Holanda foi historiador, crítico literário, jornalista e escritor. Entre suas publicações, destaca-se o livro *Raízes do Brasil*, obra em que faz uma revisão da História do Brasil de forma crítica.

ordem, em que o pobre pode travestir-se de rico, uma mudança provisória possível para qualquer cidadão comum. Já o bilhete de loteria representa a transformação definitiva da condição social almejada pela coletividade; é o sonho de milhões de brasileiros, inúmeros Pedros que disputam um prêmio único, e cotidianamente, esperam um futuro sem preocupações financeiras.

A partir disso, Chico Buarque traçou seu caminho no meio musical, abandonado o curso de arquitetura e se estabelecendo na música. “Pedro pedreiro” repercutiu e lhe rendeu o convite de musicar o poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, e a peça obteve êxito de crítica e de público.

Em 1965, teve a primeira música censurada. Conforme exposto por Wagner Homem (2009, p. 34), a letra de “Tamandaré” criticava, em tom de deboche, a desvalorização da moeda fazendo alusão ao marquês de Tamandaré, patrono da Marinha que fora homenageado na nota de um cruzeiro.

O eu-lírico/ narrador na voz feminina das crônicas musicais de Chico Buarque surge em 1966, na letra de “Com açúcar, com afeto”, em que a mulher aguarda o retorno do marido e descreve o que ele estaria fazendo fora de casa. Situações cotidianas como a conversa de bar, o encontro com amigos, o trabalho, a bebedeira, a espera e a volta para casa são retratados pelo ponto de vista feminino. Nesse contexto, é o que se esperava do papel feminino na sociedade: cuidar do lar, subjugar-se ao marido. E essa característica da sociedade da época demonstra o autoritarismo então vigente, contudo, o texto trata de uma relação conjugal e seus conflitos, tema que é comum a todos nós em qualquer época, por isso mesmo, ainda mantém proximidade com o nosso tempo. Deve-se mencionar que a música foi gravada por Nara Leão.

Sabemos que Chico Buarque apresentou-se em inúmeros programas de TV, participou de festivais e fora premiado com a canção “A banda” ainda em 1966. Na ocasião, de acordo com Wagner Homem (p. 42), a vantagem era de Chico em relação à canção “Disparada”, contudo ele se recusava a receber o prêmio sozinho, sugerindo o empate, e foi o que aconteceu. “A Banda” agradou ao público com sua melodia e letra. Esse texto possui os elementos típicos de uma crônica narrativa: a observação do narrador acerca de um fato cotidiano e das personagens a ele relacionadas, sempre de forma breve. O homem que contava dinheiro, a moça feia,

a garotada assanhada, a namorada, o velho fraco, etc. participam de um mesmo acontecimento tão efêmero que, ao final, não lhes resta alternativa a não ser cada um retornar ao seu canto com sua dor.

É fato que as letras as quais contestavam a ordem estabelecida lhe renderam o autoexílio em Roma (HOMEM, 2019). Por um bom tempo, os teóricos as definiram como “canções de protesto” em função do seu teor político-social. No entanto, elas vão muito além, pois dialogam com temas de nossa contemporaneidade. Sua crônica Musical “Construção” (1971) narra o último dia de vida de um operário da construção civil. Mas a situação narrada possui um tom de atualidade, dialogando com o contexto do trabalhador brasileiro, cuja condição social na atualidade não difere daquela do operário da música. Mais uma vez temos situações próprias de uma crônica narrativa, tais como a despedida familiar, a ida ao serviço, a execução do trabalho, a pausa do almoço, mas com um desfecho trágico e possível nesse tipo de atividade. Obviamente a sonoridade é marcante, e, de acordo com o próprio compositor em uma entrevista (HOMEM, 2009, p. 97), a ideia da narrativa veio quando a música estava quase pronta.

Seguindo essa lógica, percebemos, numa perspectiva dialógica da linguagem, o duplo sentido da composição “Apesar de você” (1970), associada a uma resposta aos atos de censura do governo militar, à repressão e à tortura. Mas o teor relaciona-se também a qualquer forma de relação dominadora, do particular para o coletivo. O “apesar de você” pode inclusive dialogar com a atual situação de nosso país e ao cenário de intolerância que grupos conservadores pretendem instaurar.

A narrativa musical “Minha história” (1970), adaptação de “Gesù Bambino”, de Lucio Dalla e Paola Pallottino, originalmente se referia às crianças nascidas de mães solteiras italianas com soldados estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial. O título em português, “Menino Jesus”, foi censurado por simples moralismo do sistema vigente, por essa razão, teve que ser alterado. Nessa crônica, temos a apresentação de personagens à margem da sociedade, os desvalidos, a prostituta de cabaré, o bêbado, personagens constantes em outras composições de Chico Buarque. A peça *A ópera do malandro* (1978) abarca esse grupo de excluídos ao longo de suas dezessete canções. A voz feminina de “Folhetim” entra nesse

contexto, ecoando ainda hoje como uma voz atual e universal, tratando-se do tema amoroso.

O potencial narrativo de Chico Buarque naturalmente convergiu para a produção em prosa. Embora não seja o foco de nossa pesquisa, esse gênero deve ser mencionado uma vez que é dotado do mesmo teor crítico presente em suas canções. Afinal, como já foi apresentado, ele escrevera em sua adolescência contos e crônicas. Portanto, os espaços formais da literatura sempre foram de seu interesse.

Dessa forma, em 1974, publicou a novela *Fazenda Modelo*, por ele mesmo denominada como uma “novela pecuária”. Essa obra, publicada pela Editora Civilização Brasileira, era uma alegoria do país administrado pelo governo militar, cujos protagonistas são bois e vacas. A fazenda modelo era um projeto que cerceava a liberdade dos animais da fazenda em função de um bem maior, o que dialoga de forma clara com o tempo em que o romance fora escrito. Produto de imensa pesquisa, apresenta inclusive notas de cientificismo acerca dos procedimentos adotados a fim de extrair material do reprodutor, o boi Abá, metáfora do jovem brasileiro cuja vitalidade é suprimida pelo poder do Estado.

Somente em 1991, ele novamente apresenta sua face de romancista com o livro *Estorvo*, publicado pela Companhia das Letras, sendo, inclusive, vencedor do Prêmio Jabuti. Nesse romance, agora num país democratizado, o autor desenvolve a trama num cenário urbano e de atmosfera turbulenta.

Pela mesma editora, publicou em 1995 o romance *Benjamim*, cuja relação da personagem com os anos 70 é evidente, um ex-modelo fotográfico que não consegue superar o passado, numa imobilidade em que não há resistência do sujeito. O texto desenvolve a atmosfera criada no romance anterior. Em 2003, lançou o romance *Budapeste*, obra bem recebida pelo público e pela crítica, rendendo-lhe novamente o Prêmio Jabuti. Em 2009, a história do Brasil é contada pela voz de um homem doente no romance *Leite Derramado*. As obras citadas nos permitem perceber o modo como as narrativas permeiam o conjunto da obra desse artista sempre em diálogo com o seu tempo, mas atingindo uma condição universal. Motivado pela descoberta de um irmão nascido na Alemanha no período em que seu pai por lá trabalhara como correspondente de *O jornal*, entre 1929 e 1930, publicou

em 2014 o romance *O irmão alemão*. A pesquisa acerca desse irmão desconhecido formou a base para a carga ficcional desse livro.

Enfim, a biografia do artista Chico Buarque ainda está sendo construída, uma vez que continua a se apresentar no cenário musical brasileiro. Hoje, um compositor cada vez mais elitizado à sua revelia, uma vez que a indústria musical brasileira de massa direciona ao público apenas o que é efêmero, mas lucrativo. Isso resulta na exclusão das massas no que se refere ao acesso a uma obra tão vasta e de indubitável qualidade estética. É importante levar aos nossos alunos as vozes presentes nas crônicas musicais desse autor a fim de que percebam a necessidade de ler, relacionar, e assim fazer leituras diversas do mundo, ou dos mundos, que os cercam.

3.2 O CONCEITO BAKHTINIANO DE POLIFONIA E SUA RESSONÂNCIA NA CRÔNICA MUSICAL DE CHICO BUARQUE

3.2.1 A polifonia bakhtiniana

Ainda que a polifonia musical não seja o foco dessa pesquisa, deve ser mencionada uma vez que exerceu influência no desenvolvimento da polifonia bakhtiniana. No século VI, umas das formas de expressão de poder da Igreja consistia na forma monódica de canto então estabelecida: trata-se do canto gregoriano, termo empregado em homenagem ao papa Gregório I (ROMAN, 1993). Em seu papado, difundiu-se essa forma homofônica de canto, no qual as vozes executam o mesmo movimento melódico, em uníssono. As letras em latim eram cantadas “a capella” e extraídas de textos bíblicos, geralmente os salmos. Em outras formas monódicas, pode haver a sobreposição de uma voz a qual pode ser acompanhada de outras, porém seguindo a mesma linha melódica.

A partir do século XII, temos a simultaneidade de vozes ou melodias sobrepostas em uma composição musical, ou seja, as vozes passam a ser diferenciadas numa mesma composição musical, criando, dessa forma, a polifonia. O contraponto, *punctus contra punctum*, ou *nota contra nota*, que, na música, combina duas ou mais linhas melódicas simultâneas, é um termo para a forma polifônica desenvolvida a partir do século XVIII. É notada, sobretudo, na obra de J. S. Bach.

Partindo dessas concepções, Bakhtin desenvolveu o termo polifonia como uma metáfora aplicada em seu estudo acerca da obra de Dostoiévski:

Mas as matérias da música e do romance são diferentes demais para que se possa falar de algo superior à analogia figurada, à simples metáfora. Mas é essa metáfora que transformamos no *romance polifônico*, pois não encontramos designação mais adequada. O que não se deve esquecer é a origem metafórica de nosso termo (BAKHTIN, 2002, p. 21).

Entre os pensadores que participavam do Círculo de Nevel, entre 1918 e 1921, havia um engenheiro, um bacteriologista, um filósofo e uma pianista engajada com os trabalhos relacionados à revolução, Maria V. Iudina¹¹. Logo, a amplitude do diálogo entre os pensadores de linhas distintas, incluindo os diálogos com o meio musical, auxiliaram o pesquisador russo na concepção do princípio do dialogismo e da polifonia como uma categoria.

O emprego do termo polifonia serviu como recurso metafórico a fim de tratar do processo de narração nos textos do romancista russo. Entretanto, esse conceito foi solidamente construído por meio do diálogo entre Bakhtin e outros teóricos os quais ele pesquisou a fim de investigar as particularidades da obra de Dostoiévski, criando, por meio desses procedimentos metodológicos, uma relação de coerência com esse termo.

Não podemos ignorar o fato de Bakhtin ter estruturado sua teoria concernente à polifonia com base na análise da obra de Dostoiévski; ele não criou conceitos teóricos abstratos a serem aplicados a qualquer texto, e sim construiu seus pressupostos teóricos no decorrer da leitura dos contos, novelas e romances do escritor russo. Em seu *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1929), o termo “romance polifônico” é estabelecido a partir da noção de vozes ideológicas independentes da estrutura da obra. Elas são contraditórias e coexistem no mesmo

¹¹ LEITE, Francisco Benedito. **Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos**. Revista Magistro. Vol. 1 Num.1 2011.

nível do narrador, além de não serem subordinadas umas às outras, e muito menos à consciência do autor, enfim, são equipolentes.

Referente a essa questão, Bakhtin encontrou na novela de Dostoiévski *Memórias do subsolo* (1864) os elementos basilares do romance polifônico. A narrativa é conduzida pela consciência da personagem, “o homem do subsolo”, o qual está sempre questionando os argumentos que ele mesmo expõe na expectativa da palavra do outro. Frequente e voluntariamente ele se contradiz, dialogando com a voz dos interlocutores ausentes, argumentando e propondo a réplica às vozes previstas dos outros, ainda que em sua mente. As particularidades dessa estratégia de construção da personagem foram observadas por Brait e Machado:

As especificidades do “homem do subsolo”, sua maneira de relacionar-se com o *outro* e o fato de que ele se constrói a partir da *palavra*, ou seja, de sua palavra sobre si mesmo e sobre o seu mundo, ajudam a compreender o caminho desenvolvido por Bakhtin para explicitar nuances da polifonia constitutiva das narrativas dostoiévskianas e do *herói ideólogo* do qual o protagonista de *Memórias do subsolo* é considerado o primeiro representante (BRAIT, MACHADO, 2011, p.28).

A maneira como é conduzida a narrativa, o discurso em primeira pessoa, apresenta um tom confessional no diálogo interior sempre na expectativa da palavra antecipada do outro, contudo sempre apresenta uma mudança no tom, por meio de evasivas irônicas as quais geram as polêmicas com o suposto interlocutor:

Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. [...] Já faz tempo que vivo assim: uns vinte anos. Tenho quarenta agora. Já estive empregado, atualmente não. Fui funcionário maldoso, grosseiro e encontrava prazer nisso (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.15).

Mas sabeis, senhores, em que consistia o ponto principal de minha raiva? O caso todo, a maior ignomínia, consistia justamente em que, a todo momento, mesmo no instante do meu mais intenso rancor, eu tinha consciência, e de modo vergonhoso, de que não era uma pessoa má, nem mesmo enraivecida; que apenas assustava passarinhos em vão e me divertia com isso. Minha boca espumava, mas, se alguém me trouxesse alguma bonequinha, me desse chazinho com açúcar, é possível que me acalmasse. Ficaria até comovido do fundo da alma, embora, certamente, depois rangesse os dentes para mim mesmo e,

de vergonha, sofresse de insônia por alguns meses. É hábito meu ser assim (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 16).

Os fragmentos expõem um tom de escárnio acerca de si mesmo. O homem do subsolo é evasivo e, por isso, ambíguo. Isso acaba se tornando uma estratégia na elaboração da obra. O protagonista procura manter o diálogo constante com seu interlocutor, recorrendo à previsão do discurso do outro e à sua tréplica, num movimento em que várias consciências se fazem presentes nas polêmicas por ele provocadas conforme se observa neste fragmento:

— Há, há, há! Mas essa vontade nem sequer existe, se quereis saber! Interrompeis-me com uma gargalhada. — A ciência já sabemos que a vontade e o chamado livre-arbítrio nada mais são do que...

— Um momento, senhores, foi justamente assim que eu quis começar. Cheguei até a me assustar, confesso. Ainda agora, quis gritar que a vontade diabo sabe do que, e que talvez se deva dar graças a Deus por isso, mas lembrei-me da ciência e... me detive. E nesse instante começaste a falar (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 39).

Em sua análise, Bakhtin aponta essa peculiaridade de apresentar discursos em oposição, com vozes distintas, mas equipolentes, num processo em que o discurso é sempre inconclusivo, inacabado. A ideia concernente ao homem estava em suas palavras, sempre no processo de interação entre as consciências, vozes diferentes cantando o mesmo tema, uma relação polifônica.

Conforme Bakhtin, o romance polifônico constitui um gênero novo o qual não se enquadra em nenhum esquema histórico-literário geralmente aplicado aos romances europeus, nos quais há uma objetificação do herói subordinado à consciência do autor:

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor, coadunando-se de modo especial com ele e com as vozes plenivalentes de outros heróis (BAKHTIN, 2002, p. 5).

Dessa forma, o romance que seria considerado caótico do ponto de vista da teoria literária aplicada aos cânones monológicos, apresenta-se dotado de coerência e organização uma vez que lida com a imiscibilidade e equipolência das consciências que dialogam no texto. Assim “[...] a união das matérias mais heterogêneas e mais incompatíveis – à multiplicidade de centros-consciências não reduzidos a um denominador ideológico” (2002, p. 16) é o caminho para a polifonia.

Devemos também mencionar o fato de Bakhtin (2013) concordar com Otto Kaus em relação à possibilidade de o romance polifônico só existir na era capitalista, pois o capitalismo eliminou o isolamento dos mundos e planos sociais, culturais e ideológicos, o que promoveu a colisão entre esses mundos, mantendo apenas a separação entre o proletário e o capitalista. Isso formou a unidade contraditória do mundo capitalista em meio à diversidade de mundos e grupos sociais, não cabendo mais em formas de expressão monológicas (p.18-19).

A pluralidade de planos e as contradições percebidas, em sua época, por Dostoiévski como forças coexistentes e simultâneas, deram-lhe uma consciência de mundo no espaço, não no tempo:

Por isso as suas personagens também não recordam nada, não têm biografia no sentido ido e do plenamente vivido. Do seu passado, recordam apenas aquilo que para elas continua sendo presente: o pecado não redimido, o crime e a ofensa não perdoados (BAKHTIN, 2013, p. 29).

O homem do subsolo da obra de Dostoiévski não desenvolve o percurso de sua memória de maneira linear, tradicional; em vez disso, relata episódios os quais seletivamente ele rege conforme as polêmicas lançadas em seu discurso. Os detalhes biográficos não encontram espaço no romance polifônico, pois interessa ao narrador apenas o que se pode trazer, no acontecimento, para o embate com o interlocutor, aquilo que pode ser projetado do eu para o outro, pois este é prioritário na exposição de sua incompletude:

Assim é; mas, por escrito, isto sairá, de certo modo, solene. O papel tem algo que intimida, haverá mais severidade comigo mesmo, o estilo há de lucrar. Além disso, é possível que as anotações me tragam realmente um alívio. Agora, por exemplo, pressiona-me

particularmente uma remota recordação. Lembrei-me disso com nitidez há poucos dias, e, desde então, ela ficou comigo, qual um motivo musical magoado, que não nos quer deixar. E, assim mesmo, é preciso livrar-se dele. Tenho centenas de tais recordações; mas, de tempos em tempos, uma delas destaca-se das demais e passa a pressionar-me. Não sei *por quê*, mas acredito que, se eu a anotar, há de me deixar em paz. E por que não tentar? (DOSTOIÉVSKI, 2000, P. 54)

As recordações desempenham a função de estimuladoras do diálogo, pois mesmo no momento em que são acionadas, revelam as múltiplas consciências dos diversos planos presentes na obra. Por isso as próprias memórias não representam um todo acabado no presente e essa inconclusibilidade é possível visto que o diálogo não se esgota. Bakhtin cita o acerto de Lunatcharski ao perceber as vozes como “convicções” ou “pontos de vista acerca do mundo”. E assim define o romance do escritor russo: “Os romances de Dostoiévski são diálogos esplendidamente construídos (BAKHTIN, 2013, p. 33).”

Sob essa ótica, encontramos no diálogo entre o narrador do subsolo na juventude e a personagem Liza o acontecimento em que ele toma consciência de si, de suas contradições, e transforma sua interação com Liza numa arena na qual o narrador se volta a sua própria consciência no decorrer da construção do discurso, enquanto trava com a jovem o duelo ao qual se furtara na ocasião em que fora ofendido pelo oficial numa taverna, mas dessa vez no plano verbal:

“É com estes quadrinhos, justamente com estes quadrinhos, que é preciso atuar sobre você!”, pensei comigo, embora, juro por Deus, eu tivesse falado com sentimento; e de chofre corei. “Bem, e se ela de repente der uma gargalhada, onde irei parar?” _ Este pensamento deixou-me furioso. No final do meu discurso, eu ficara realmente exaltado, e agora o meu amor-próprio de certo modo sofria. O silêncio prolongava-se. Quis, até, dar-lhe um safanão (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 113).

O diálogo ocorre tanto no nível externo como no interno, com a polêmica velada, na qual a consciência do herói sempre busca se antecipar à interação do interlocutor. Mas, como as vozes do romance polifônico são equipolentes, não temos uma verdade dominante no texto. Não há julgamento de valores tampouco a visão maniqueísta de certo ou errado. Em determinado momento do diálogo, em função do

jogo de palavras tecido pelo narrador, Liza afirma “É que você fala como se estivesse lendo um livro (p. 113)”. Tal afirmação é contestada por ele, mas, após o segundo encontro entre o homem do subsolo e a jovem, o qual resulta no afastamento entre ambos, ele reflete:

Acostumara-me a tal ponto a pensar e a imaginar tudo de acordo com os livros, e a representar a mim mesmo tudo no mundo como eu mesmo anteriormente compusera nos meus devaneios, que então nem compreendi imediatamente aquele estranho fato. E eis o que sucedeu: ofendida e esmagada por mim, Liza compreendera de tudo aquilo justamente o que a mulher sempre compreende em primeiro lugar, quando ama sinceramente, isto é, compreendera que eu mesmo era infeliz (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 139).

Desse modo, Dostoiévski não se preocupa em apresentar a personagem em sua totalidade, até mesmo em função dessa impossibilidade uma vez que o ser humano está em constante construção por meio de sua relação com a palavra alheia ao longo de sua vida. O modo como a personagem toma consciência da realidade e de si através da palavra e da contra palavra participam da visão artística do escritor russo na elaboração de suas narrativas. Eis a relevância da autoconsciência do “homem do subsolo” na percepção da realidade. No entanto, seu ponto de vista não encerra uma polêmica, ao contrário, ele a alimenta:

Ao lado da autoconsciência da personagem, que personifica todo o mundo material, só pode coexistir no mesmo plano outra consciência, ao lado do seu campo de visão, outro campo de visão, ao lado de sua concepção de mundo, outra concepção de mundo (BAKHTIN, 2002, p. 49).

Assim, essa consciência sempre está preocupada com o que outras consciências tecem a seu respeito, de modo que busca antecipar-se a elas, a cada concepção que possam ter em relação à sua imagem. É a constante arena dialógica em que a palavra e a contra palavra, a réplica, estão movimentando a realidade das personagens, afinal “a vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque dialógico, diante do qual ele responde por si mesmo e se revela livremente” (BAKHTIN, 2002, p. 59).

Nessa concepção de vozes imiscíveis e equipolentes, as ideias sempre são expressas em função do outro, seja no discurso direto entre as personagens, seja na polêmica velada. O autor se faz somente mais uma voz na construção do discurso, atento às possibilidades de réplicas e tréplicas sem que se posicione enquanto aquele que pode encerrar a polêmica, pois a inconclusibilidade do diálogo está acima de sua vontade: “Aliás, ainda não terminam aqui as ‘memórias’ deste paradoxalista. Ele não as conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer ponto final aqui mesmo” (p.147).

A presença de tantas outras vozes sociais equipolentes também pode ser percebida por meio da leitura de um “gênero menor”, do qual trataremos na próxima seção.

3.2.2 A crônica: potência literária de um “gênero menor”

Tradicionalmente, o termo crônica é mencionado a partir de sua etimologia grega (*khonos* = tempo), limitando-o, dessa forma, à noção de um relato dos acontecimentos em consonância com a ordem cronológica. Essa concepção clássica remete à Idade Média e ao valor documental atribuído às crônicas históricas (BECKER, 2013). O cronista, portanto, tinha a função de documentar a sua época, o seu contexto histórico e social. Todavia, na modernidade, perdeu-se esse viés de narração histórica e a crônica passou por um processo de dinamização, pois as mudanças culturais decorrentes das transformações sociais e históricas possibilitam a estabilidade relativa dos gêneros discursivos conforme sinalizou Bakhtin (1992). Os gêneros literários, por extensão, também não podem permanecer restritos a classificações estanques, pois sofrem o mesmo processo de transmutação e hibridismo não obstante a existência dos quadros referenciais de cada um deles.

No decorrer do século XIX, a crônica incorporou aspectos folhetinescos conforme as novas necessidades comunicativas desse período. Sua veiculação em jornais trouxe a necessidade de uma escrita sucinta e de temática simples. Esse suporte possibilitou uma escrita mais livre, eliminando a explícita marca documental desse gênero. A temporalidade é a característica que marca a crônica, pois a sua veiculação em suportes de circulação efêmera, tais como revistas, periódicos e jornais, denota a agilidade com a qual um texto desse gênero pode surgir e

facilmente desaparecer, cedendo espaço a outros textos num ciclo constante de novas produções.

Contudo, deve-se salientar que a expressividade artística encontrada na crônica criou condições para que ultrapassasse a esfera jornalística e ganhasse contornos literários. As crônicas, sejam opinativas ou narrativas, podem carregar momentos de lirismo e inovação linguística que as configuram como textos literários. Becker (2013) menciona o fato de o cronista ser, em muitos casos, também poeta ou romancista, como por exemplo, Carlos Drummond de Andrade e Eça de Queirós.

O cotidiano constitui outro elemento marcante desse gênero, contribuindo com uma relação dialógica entre o leitor e o seu tempo, por meio de uma linguagem simples e prosaica. O poeta Vinicius de Moraes discorreu deste modo acerca do estilo da escrita em relação à escrita de uma crônica:

Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado (MORAES, 2004, p. 615).

Os aspectos da simplicidade cotidiana da crônica apontada pelo poeta denotam a despreensão desse gênero em atingir uma “aura” atribuída aos textos literários canônicos. Isso é recebido de forma positiva por Cândido (2003), que aponta para o fato de a crônica não ser um “gênero maior” a qual não seria passível de receber um Nobel de literatura, por exemplo. Entretanto, o próprio Cândido enfatiza que esse aspecto é o que aproxima o leitor a esse gênero, desse modo, percebemos a relação dialógica a qual se constrói entre o autor, o leitor, o narrador e as vozes expressas nos diversos textos desse “gênero menor”. O teórico nos apresenta os aspectos positivos da crônica e o potencial humanizador existente nesse gênero:

Por meio dos assuntos de composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 2003, p.91).

A humanização do indivíduo através da leitura literária é desenvolvida por Candido em “O direito à literatura” (2011), e considerando o contexto de exclusão social persistente em nosso meio, torna-se a literatura uma forma necessária de diálogo com a nossa realidade, por essa razão, a humanização estimulada pela leitura literária pode ser estimulada no ambiente escolar. Concernente a essa abordagem no contexto educacional, o teórico assume uma postura entusiástica quanto à potencialidade do “gênero menor” como motivador da leitura na escola:

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante (CANDIDO, 2003, p.94).

O emprego do humor como recurso estilístico é comum em várias crônicas, o que estimula as editoras a selecionarem textos desse gênero a fim de que completem o acervo dos livros didáticos de língua portuguesa, entretanto, há textos desse gênero que abordam de modo mais sério e até mesmo lírico aspectos negativos de nossa sociedade, tais como as disparidades entre as classes sociais. Dentre essa diversidade, Cândido (1980) cita a crônica “Carta a uma senhora”, escrita em 1966 por Carlos Drummond de Andrade, apontando como um texto dotado de certo grau de humor e leveza pode apresentar de forma implícita os males de uma sociedade de consumo num contexto de pobres e excluídos do sistema.

Enfim, a cotidianidade, a simplicidade na linguagem e a acessibilidade da crônica permitem que esse gênero comporte as diversas vozes coexistentes em nosso contexto, uma vez que as temáticas são próximas de nossas experiências, abrangendo os diversos indivíduos e ambientes em situações cômicas ou dignas de comoção; pode trazer uma memória do autor, uma impressão sobre um acontecimento simples e partir dele para uma visão mais complexa. Todo esse dinamismo pode estimular o diálogo com a percepção de mundo de nossos alunos, compartilhando experiências de modo que a língua deixe de ser uma barreira para que se torne um ponto de aproximação.

3.2.3 A polifonia na crônica musical de Chico Buarque

Conforme já mencionado, os gêneros discursivos são conjuntos de enunciados relativamente estáveis, e isso ocorre em função das forças sociais historicamente constituídas (BAKHTIN, 1992), de modo que essa relativa estabilidade permita a criação do hibridismo em determinados gêneros. Em função disso, percebemos elementos relacionados ao gênero crônica em várias letras de canções do compositor Chico Buarque, tais como a linguagem informal, a temática cotidiana e o potencial narrativo em textos curtos. Vários desses textos, organizados em parágrafos, poderiam ser lidos como crônicas uma vez que comportam características desse gênero discursivo. Por essa razão, podemos considerar as narrativas do cancioneiro buarqueano como crônicas musicais.

Como exemplo de aplicação da teoria bakhtiniana acerca da polifonia em um gênero distinto do romance, podemos citar, no âmbito das crônicas musicais de Chico Buarque, as diversas vozes as quais constituem o conjunto de sua obra: a mulher do lar, o malandro, a prostituta, entre outras vozes. Entre todas essas manifestações, mencionamos a narrativa musical “Teresinha”, composta entre 1977 e 1978 para a peça “Ópera do malandro”. A canção insere-se no momento em que a personagem Teresinha justifica o fato de ter escolhido o malandro Max como seu companheiro, em vez de ter buscado alguém que seus pais aprovariam em função de um status social privilegiado:

Teresinha

Chico Buarque/1977-1978

O primeiro me chegou
Como quem vem do florista
Trouxe um bicho de pelúcia
Trouxe um broche de ametista
Me contou suas viagens
E as vantagens que ele tinha
Me mostrou o seu relógio
Me chamava de rainha
Me encontrou tão desarmada
Que tocou meu coração
Mas não me negava nada
E, assustada, eu disse não

O segundo me chegou
Como quem chega do bar
Trouxe um litro de aguardente
Tão amarga de tragar
Indagou o meu passado
E cheirou minha comida
Vasculhou minha gaveta
Me chamava de perdida
Me encontrou tão desarmada
Que arranhou meu coração
Mas não me entregava nada
E, assustada, eu disse não

O terceiro me chegou
Como quem chega do nada
Ele não me trouxe nada
Também nada perguntou

Mal sei como ele se chama
Mas entendo o que ele quer
Se deitou na minha cama
E me chama de mulher
Foi chegando sorrateiro
E antes que eu dissesse não
Se instalou feito um posseiro
Dentro do meu coração

1977 © Marola Edições Musicais

Todos os direitos reservados. Copyright Internacional Assegurado. Impresso no Brasil

Sabemos que, nesse período, o regime ditatorial vigorava em nosso país. Além, é claro, da questão da censura, das perseguições políticas e das torturas, havia uma ideologia moralizadora dos costumes numa suposta defesa da moral, da família e, conseqüentemente, da nação. Nesse contexto, as vozes de uma sociedade patriarcal suprimiam as vozes femininas, delegando a estas o papel de submissão ao cônjuge, a qual pode ser associada à submissão das classes desfavorecidas ao governo imposto pelos militares com a conivência das elites. No entanto, na peça buarqueana já citada, temos as vozes dos grupos socialmente marginalizados ecoando junto às vozes das autoridades e das elites, alcançando, nesse universo, a equipolência que, naquele período de nossa história, ainda consistia um elemento utópico.

A Teresinha da narrativa buarqueana rompe com essa perspectiva patriarcal no instante em que sua voz se faz ouvida, seus desejos são expressos e realizados. Ela vai de encontro à idealização da mulher como um ser submisso, dócil e isento de posicionamento diante dos acontecimentos. Nessa crônica musical (assim podemos chamá-la), a mulher, personagem/narradora, pôde fazer sua escolha. Não é a mesma Teresinha das cantigas populares de roda, submissa ao pai, ao irmão, e, por último, ao marido, conforme os versos a seguir¹²:

¹²<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/terezinha-de-jesus-uma-interpretacao-da-cantiga-de-roda>. Acessado em 05/11/2018, às 13h15.

Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos de chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,
O segundo seu irmão,
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão.

Terezinha levantou-se
Levantou-se lá do chão
E, sorrindo, disse ao noivo:
Eu te dou meu coração.

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão.
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração.

Da laranja quero um gomo,
Do limão quero um pedaço,
Do menino mais bonito
Quero um beijo e um abraço.

Por meio desses versos, podemos observar uma narração de cunho monológico já que não se desenvolve a autoconsciência da personagem, tornando ausentes as possibilidades de réplica e tréplica nesse evento discursivo.

Todavia, no texto de Chico Buarque, ela assume o papel da mulher real, com suas vontades, hesitações, contradições e domínio sobre sua sexualidade.

Na Primeira estrofe, o homem que se apresenta é o burguês, dotado de bens materiais, cortejando a mulher dentro de moldes românticos clássicos, quase um serviço de vassalagem amorosa à sua então chamada “rainha”. Em seguida, vem o seu oposto, revestido de brutalidade, a imagem do antirromântico, o homem que “chega do bar” e a trata de maneira vulgarizada. Dois homens em oposição extrema os quais a mulher rejeita, pois nesse evento discursivo ela é equipolente, pode transitar por esses extremos sem que comprometa sua identidade.

O terceiro homem a chegar é o que trava um embate dialógico silencioso com a personagem feminina. O diálogo se configura por meio das ações, pois o processo interacional entre as duas vozes ocorre sem que haja palavras/julgamentos tais como “rainha” e “perdida”. Das três vozes imiscíveis masculinas, a terceira emprega o vocativo “mulher”, colocando-se junto à voz feminina, rompendo qualquer forma maniqueísta de valoração: rainha/perdida, tocou/arranhou.

Podemos notar que as duas primeiras personagens masculinas carregam as noções sociais do homem idealizado e seu oposto: possuidor de bens, carinhoso, generoso versus possessivo, agressivo e alcoólatra. O protótipo social recomendado pelo sistema então vigente é claro que se representa pelo primeiro tipo. O padrão de marido e chefe de família o qual se difundia para fins de um casamento bem sucedido tem sua base no homem burguês cristão, o pilar de uma sociedade em harmonia com os preceitos morais. Mas é no terceiro homem que a personagem feminina encontra a possibilidade do diálogo entre as consciências de modo que haja a equipolência entre elas. Não há relação de superioridade ou inferioridade; ambos constroem o sentido de seu relacionamento. Nessa instância, a voz da mulher pode expressar suas vontades e suas realizações acima de qualquer preceito moralizador; ela tem a consciência de suas escolhas e o domínio do próprio corpo. A autoconsciência da personagem demonstra um discurso “[...] em pé de igualdade com o autor” (BAKHTIN, 2002), pois não há uma apresentação monológica dos sentimentos da narradora, pelo contrário, ela aponta indícios de como acontece o relacionamento com o outro sem que haja um acabamento, portanto, remete ao aspecto da inconclusibilidade do romance polifônico. A apresentação da mulher nessa perspectiva, em um contexto marcado pela repressão, constitui uma atitude responsiva dentro de uma sociedade marcada por estereótipos e idealizações.

Essa crônica musical de Chico Buarque apresenta, portanto, aspectos da polifonia bakhtiniana uma vez que se constitui a partir de vozes imiscíveis e equipolentes, as quais interagem de modo que uma não se sobreponha à outra. Os três homens formavam um eixo heterogêneo de possibilidades, mas a consciência feminina optou por aquele com o qual houve um diálogo velado. Além disso, nela, a voz feminina se expressa em condições as quais não eram comuns anteriormente às mulheres em uma sociedade marcada pelo moralismo do poder patriarcal.

3.2.4 As crônicas do pivete e do país do carnaval

Outro exemplo de crônica musical em que o protagonista é oriundo do contexto das vozes excluídas pelo sistema pode ser representado pelo texto “Pivete”. Nessa narração, temos a cotidianidade dos menores infratores expressa em ações habituais em sua busca pela sobrevivência numa sociedade excludente a qual idolatra personalidades advindas, muitas vezes, dos esportes apreciados pela massa.

Pivete

Francis Hime - Chico Buarque/1978

Monsieur havemoney per mangiare

No sinal fechado

Ele vende chiclete

Capricha na flanela

E se chama Pelé

Pinta na janela

Batalha algum trocado

Aponta um canivete

E até

Dobra a Carioca, olerê

Desce a Frei Caneca, olará

Se manda pra Tijuca

Sobe o Borel

Meio se maloca

Agita numa boca
Descola uma mutuca
E um papel
Sonha aquela mina, olerê
Prancha, parafina, olará
Dorme gente fina
Acorda pinel
Zanza na sarjeta
Fatura uma besteira
E tem as pernas tortas
E se chama Mané
Arromba uma porta
Faz ligação direta
Engata uma primeira
E até
Dobra a Carioca, olerê
Desce a Frei Caneca, olará
Se manda pra Tijuca
Na contramão
Dança para-lama
Já era para-choque
Agora ele se chama
Emersão
Sobe no passeio, olerê
Pega no Recreio, olará
Não se liga em freio
Nem direção

No sinal fechado
Ele transa chiclete
E se chama pivete
E pinta na janela
Capricha na flanela
Descola uma bereta

Batalha na sarjeta

E tem as pernas tortas

1978 © by Trevo Editora Musical Ltda. Av. Rebouças, 1700 CEP 057402-200 - São Paulo - SP
Todos os direitos reservados. Copyright Internacional Assegurado. Impresso no Brasil

Observamos que, no decorrer desse evento discursivo, o cronista descreve as ações do protagonista em seu cotidiano de infrações de modo que não haja nenhuma forma de censura a esses atos. Pode-se dizer que há uma imiscibilidade entre o autor e o herói, pois participam de esferas sociais distintas, de modo que as ações do protagonista são descritas conforme acontecem, sem que haja uma interferência por parte do narrador, denotando, assim, um processo polifônico. Essa parcela excluída da sociedade materializa-se no texto de uma maneira que passa a ser notado, ter a sua voz reconhecida por meio de suas ações. Em três momentos, temos a referência ao jogo infantil de fabulação ao imaginar-se como uma personalidade marcante apresentada pela mídia: Garrincha (Mané), Pelé e Emerson Fittipaldi (Emersão). De fato, trata-se de uma forma irônica do narrador no texto de Chico Buarque apontar uma crítica ao sistema quando mescla as imagens dessas personalidades a momentos em que o pivete pratica seus delitos: aponta um canivete, fatura uma besteira, faz ligação direta. Ao final, é nomeado “pivete”, pois não se restringe à concepção de um único ser nominável. Em vez disso, o pivete orchestra um coro de vozes de crianças esquecidas pelo poder público e pela sociedade, que negligenciam a forte presença dessa parcela de excluídos em nosso meio.

Outro traço importante na manifestação de vozes presentes em nosso cotidiano é a visão buarqueana do nosso icônico Carnaval. No decorrer dessa tradicional festividade, as minorias têm o poder ilusório de serem “iguais” na perspectiva de possuírem liberdade e andarem lado a lado com outros grupos, como se não houvesse a disparidade social marcante em nosso cotidiano. As festividades permitem, em certo grau, que muitos possam se transfigurar, por meio da fantasia, em elementos valorizados socialmente. Podemos observar essa capacidade de metamorfose na letra de “*Sonho de um carnaval*”:

Sonho de um carnaval

Chico Buarque/1965

Carnaval, desengano

Deixei a dor em casa me esperando

E brinquei e gritei e fui vestido de rei

Quarta-feira sempre desce o pano

Carnaval, desengano

Essa morena me deixou sonhando

Mão na mão, pé no chão e hoje nem lembra não

Quarta-feira sempre desce o pano

Era uma canção, um só cordão

E uma vontade

De tomar a mão

De cada irmão pela cidade

No carnaval, esperança

Que gente longe viva na lembrança

Que gente triste possa entrar na dança

Que gente grande saiba ser criança

1965 © by Editora Musical Arlequim Ltda. Av. Rebouças, 1700 CEP 057402-200 - São Paulo – SP. Todos os direitos reservados. Copyright Internacional Assegurado. Impresso no Brasil.

A voz que se expressa nesse texto aponta a própria ironia dessa festividade, cuja alegria fatalmente se encerra com o seu fim, na “quarta-feira sempre desce o pano”. O próprio narrador reconhece a efemeridade dessa euforia, que de certa forma, torna-se útil ao poder como forma de ilusória democracia. Ainda estava começando a ditadura militar, e essa metáfora do carnaval como mascaramento das mazelas sociais é recorrente no cancionário buarqueano. Contudo, esse mascaramento que produz a imagem do Brasil como o país do Carnaval, com toda a pompa das escolas de samba, a libertinagem dos blocos de rua e as multidões que formam na versão axé dessa festividade, é um fator recorrente em nosso cenário atual, o que possibilita ao leitor ativo uma interação com o texto, refletindo, junto com a voz nele

expressa, a respeito de questões de cunho histórico-social e suas implicações em nossa contemporaneidade.

O ato de “deixar a dor em casa” e sair “vestido de rei” demonstra o potencial de dissimulação na cultura carnavalesca enquanto representatividade da identidade nacional. Mídia e governo incentivam esse movimento ilusório o qual atende a seus propósitos tal qual a política do “pão e circo”. Entretanto, o enunciador dessa crônica musical tem consciência da ideologia subjacente a essa cultura, inclusive denunciando em sua voz a ilusória sensação de proximidade entre as camadas sociais que permite que se possa “pegar cada irmão pela mão”. Nesse momento, é como se todas as vozes fossem equipolentes, tivessem os mesmos espaços e reconhecimento em função de um momento de suposta comunhão nacional, mas “na quarta-feira sempre desce o pano”.

Dessa forma, defendemos que o conceito bakhtiniano de polifonia dialoga com o eixo de possibilidades no universo das crônicas musicais de Chico Buarque. Suas personagens representam as diversas vozes que ecoam em nosso meio, mas que, por vezes, são negligenciadas em decorrência dos interesses dos grupos dominantes. Contudo, nos textos buarqueanos, essas vozes imiscíveis são equipolentes, já que se apresentam em diversos momentos, cada qual com sua identidade, porém em constante diálogo com seus interlocutores, convidando-nos a interagir com toda essa inesgotável carga dialógica. Do mesmo modo que o autor Chico Buarque potencializa as vozes de suas personagens sem que haja a sobreposição monológica do autor sobre o herói, o professor, em seu cotidiano docente, pode buscar a potencialização das vozes dos alunos a partir de uma relação dialógica em que essas vozes sejam estimuladas a se expressarem. O diálogo pretendido nos remete à “Sétima Carta” de Paulo Freire:

Se, porém, a opção da educadora é democrática e a distância entre seu discurso e sua prática vem sendo cada vez menor, vive, em sua cotidianidade escolar, que submete sempre à sua análise crítica, a difícil mas possível e prazerosa experiência de falar aos educandos e *com* eles. Ela sabe que o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe.

Falar *a* e *com* os educandos é uma forma desprestigiada mas altamente positiva que tem a professora democrática de dar, em sua

escola, sua contribuição para a formação de cidadãos e cidadãs responsáveis e críticos. Algo de que tanto precisamos, indispensável ao desenvolvimento de nossa democracia. A escola democrática, progressivamente pós-moderna e não a pós-modernamente tradicional e reacionária, tem um grande papel a cumprir no Brasil atual (FREIRE, 1997, p.59)

Assim, o falar *a* e *com* os alunos, possibilitando que eles desenvolvam o diálogo com suas réplicas e tréplicas, configura uma forma de estímulo à criticidade tão necessária à transformação da sociedade e, considerando o atual cenário do crescente autoritarismo, à resistência aos padrões monológicos de pensamento que tentam coibir a responsividade dos cidadãos de nosso país.

3.3 BAKHTIN E CHICO BUARQUE EM DIÁLOGO NO POLIFÔNICO CONTEXTO ESCOLAR

No momento em que buscamos dialogar com os conceitos bakhtinianos de dialogismo, gênero discursivo e polifonia, percebemos a aplicabilidade dessas ideias no contexto da sala de aula. O próprio Bakhtin (2013), enquanto professor pesquisador, demonstrou a necessidade de uma abordagem dialógica da língua com o intuito de superar o engessamento conceitual promovido por uma visão estruturalista dos fenômenos da linguagem. Ou seja, o teórico não se ateve ao abstracionismo, preferindo aplicar sua concepção dialógica da linguagem por meio de uma pesquisa qualitativa com seus alunos, conforme foi exposto em seu ensaio *Questões de estilística no ensino da língua* (2013). Embora tenha como foco a estilística na produção textual dos alunos, ele a desenvolve a partir das práticas de escrita, da língua em utilização consciente, e, por isso, autônoma.

Segundo Geraldi (2013), as contribuições de Bakhtin para o âmbito educacional abrangem, mesmo que de forma implícita, os conceitos de alteridade, excedente de visão, polifonia, plurivocalidade e heteroglossia. A relação professor/aluno passa por ideologias, diálogo, pluralidade de vozes e atitudes responsivas. Dessa forma, a complexidade da formação humana se dá em função do inacabamento do ser, sua incompletude que só pode ser preenchida diante do outro.

Em decorrência disso, não podemos ignorar o fato de a escola ser um espaço constituído de consciências diversas, de vozes as quais muitas vezes são

negligenciadas por um sistema repressor, embora essa repressão seja velada, com notas de uma abstrata democracia. Mas o fato é que há, na escola, uma diversidade de vozes equipolentes entre si, a dos alunos, que por sua vez, é suprimida pelos modelos de ensino pautados em resultados estatísticos de avaliações programadas pelas secretarias de educação. Avaliações que não promovem a responsividade do corpo discente, pois estão engessadas nos moldes idealizados pelos concursos vestibulares, entre outros. O que importa ao sistema é um resultado numérico positivo com fins publicitários.

Em conformidade com o dialogismo na relação professor/aluno, encontramos em Freitas (2013) a concepção de que o ensino e a aprendizagem são partes de um mesmo processo o qual envolve atores distintos no desenvolvimento das interlocuções. Segundo a pesquisadora, a abordagem bakhtiniana acerca das formas de compreensão é aplicável ao processo de aprendizagem. Dessa forma, apresenta a *compreensão passiva* como uma forma de decodificação a qual inibe a possibilidade de uma resposta, pois se mantém limitada ao texto, isenta de reflexões e estímulos a respostas.

A *compreensão ativa*, por sua vez, relaciona-se ao dinamismo e ao interesse gerados nesse processo. Essa forma abrange o aspecto dialógico da linguagem e o desenvolvimento de atitudes responsivas partindo das perguntas e réplicas geradas no momento do diálogo. A contraposição da palavra do outro provoca o embate ideológico, no qual os interlocutores assumem uma postura ativa.

Assim, a construção do conhecimento deve sempre passar pelo outro, de modo que se possa confirmar convicções ou mudá-las, pois somos formados a partir de uma relação na perspectiva da alteridade:

E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente) (BAKHTIN, 1997, p. 384).

Partindo desse pressuposto, entendemos a necessidade de uma postura dialógica em sala de aula, buscando meios para que a *compreensão ativa* seja o referencial a ser alcançado no decorrer do trabalho docente. E, nessa relação com o outro, deve-se levar em consideração a multiplicidade de culturas e a pluralidade de vozes no contexto escolar a fim de que o conhecimento universal idealizado pela escola não se restrinja a uma forma engessada de transmissão de saberes e valores.

Concernente à inevitável heterogeneidade no ambiente escolar e à maneira como esse fator é essencial na apropriação do conhecimento, observamos a abordagem bakhtiniana de Kramer:

O papel da escola é atuar nessa ambivalência: levar em conta as diferenças combatendo a desigualdade e assegurar a apropriação do conhecimento, pois o que singulariza o ser humano e social é sua pluralidade, e o que favorece superar a particularidade é o conhecimento universal, sobretudo a compreensão da história. E porque todos têm direito ao conhecimento? Porque todos participam direta ou indiretamente da produção do conhecimento (KRAMER, 2013, p. 30).

A pesquisadora também busca uma aproximação entre o ato ético bakhtiniano e o conceito ético-político de Gramsci, convergindo para a ideia de que a ação de um indivíduo comporta a sua responsabilidade com o outro. Consequentemente, o conhecimento a ser mediado na escola deve ser direcionado a uma formação ética e política a fim de promover a emancipação e a autonomia do corpo discente.

Uma interlocução ética e dialógica no ambiente escolar deve abarcar, acima do pragmatismo, as possibilidades de sentido além da superfície textual, evitando a mera decodificação e repetição de mecanismos do sistema linguístico. Isso reflete no modo de percepção dos textos artísticos, os quais devem ser apresentados a partir de sua dimensão ética e estética, superando a redução de uma obra artística à sua funcionalidade no meio social. Discorrendo acerca desse tema em consonância com o pensamento bakhtiniano, Kramer ainda menciona o valor da entoação como potencializador da criatividade nos textos e organizador da forma artística. A arquitetura conceitual do professor-pesquisador russo contribui muito para o desenvolvimento de uma educação potencializadora para atos responsivos, pois tem

como pressupostos o dialogismo nas relações, a responsabilidade com o outro, a dimensão ética e a cognitiva na construção coletiva de um conhecimento universal.

Por essa razão, consideramos relevante o diálogo com as crônicas musicais de Chico Buarque, uma vez que esse artista desenvolve suas narrativas numa perspectiva polifônica, compartilhando o espaço com as vozes dos socialmente excluídos, tais como a mulher, o malandro, o trabalhador, a prostituta e o pivete. Conforme fora mencionado, o caráter universal das narrativas buarqueanas denota a potencialidade de serem trabalhadas na sala de aula, desde que numa perspectiva dialógica. O próprio espaço escolar é composto de vozes distintas, cada qual com suas especificidades e incompletudes, seja a do aluno com estrutura familiar, seja a daquele desprovido de condições dignas de vida. Em sala de aula, são várias as realidades e os conflitos dos quais os alunos provêm. Há os que têm condições satisfatórias, há os que sequer possuem a atenção familiar, vivendo em condições precárias. E todas essas vozes constituem o mesmo espaço, mesmo que sem um objetivo que não seja ocupar o tempo, distrair-se com os colegas ou até mesmo alimentar-se.

A cotidianidade na linguagem e nos temas, além da expressividade desses textos, pode promover a aproximação entre os potenciais leitores e a estética buarqueana, possibilitando a potencialização da leitura de crônicas de maneira responsiva, uma vez que se pretende a formação de leitores autônomos. Seguindo as ideias de Bakhtin, podemos trabalhar a relativa estabilidade dos gêneros discursivos, explorando as possibilidades do uso da linguagem e sua expressividade, o uso das entoações. Conforme Geraldi (2013), discorrendo acerca da obra bakhtiniana no contexto educacional: “Ensina que todos os campos da atividade humana estão ligados a seu uso” (p.13). Nesse momento de exaltação da cultura midiática, consideramos relevante apresentar aos alunos uma obra que vai além da difundida categorização da obra buarqueana como “música de protesto”. Essa forma reducionista deve ser evitada, optando pela universalidade dos temas trabalhados, tais como os conflitos amorosos, as relações familiares, a afetividade, o carnaval, a feijoada, a antagônica relação homem/mulher na sociedade e, é claro, as questões sociais.

O cotidiano da docência no ensino básico nos conduz ao pensamento de que o ensino da língua portuguesa ainda se encontra afastado das idealizações concernentes à formação do leitor dotado de autonomia e criticidade. Os reducionismos da linguagem ao campo da exploração gramatical descontextualizada encontram força até mesmo em professores que se submeteram à lógica do sistema, alimentando a concepção de um ensino técnico da linguagem, o qual abrange o preparo dos alunos para eventuais concursos. O sucesso relacionado ao processo de ensino-aprendizagem tem como referencial o ingresso do aluno em certos meios em função da quantidade de pontos obtidos em cada processo seletivo.

Em oposição a essa modalidade de ensino prático-normativo, entendemos que a gramática não deve ser abolida das aulas de língua portuguesa, mas empregada como mais um dos recursos a serem explorados no decorrer dos diálogos concernentes às manifestações na língua materna. A língua, na perspectiva dialógica, deve ser estudada a partir das diversas situações de uso, envolvendo desde situações formais até a expressividade dos gêneros discursivos com finalidade artística. Referente a essa questão, percebemos em Carvalho e Gomes essa abordagem além da esfera normativa do sistema linguístico:

Os elementos extralinguísticos constituintes de um texto – verbal ou não verbal – devem ser também o foco do ensino da linguagem em sala de aula. Além das regras e classificações terminológicas, estão o contexto de produção de um texto, a sua dimensão social e expressiva e as suas especificidades estilísticas. Não podemos, pois, partir apenas do ensino gramatical para que o aluno perceba as relações entre o texto, a vida e a ideologia presente na linguagem (CARVALHO E GOMES, 2015, p. 66, 67).

Dessa forma, pressupomos a relevância do desenvolvimento de um trabalho docente, em sala de aula, amparado no emprego dos diversos gêneros discursivos, sejam formais, informais ou de finalidade artística. As crônicas musicais de Chico Buarque, em consonância com o ensino da língua no âmbito dialógico, comportam essa relação entre texto, vida e ideologia na linguagem. Os aspectos da vida cotidiana presentes na obra do compositor tais como o relacionamento amoroso, o carnaval, as condições de vida dos excluídos socialmente, entre outros, aproximam

o aluno da força expressiva do universo buarqueano. O potencial humanizador da linguagem literária encontra-se nas letras das canções de Chico Buarque uma vez que essas expõem ao interlocutor a relação dialógica entre língua, contexto histórico-social e ideologia, gerando reflexos na própria história de vida dos alunos. A interação dos discentes com esse gênero discursivo pode possibilitar uma leitura mais crítica acerca dos temas abordados nas narrativas propostas assim como um amadurecimento na interpretação dos recursos expressivos e estilísticos do autor, incitando a postura autônoma e responsiva dos alunos.

Conforme foi exposto por Kramer:

Sob a ótica bakhtiniana, é no fluxo da interação verbal que a palavra se concretiza como signo ideológico, que se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que ela surge. Dessa forma, constituído pelo fenômeno da interação social, o diálogo revela-se como a tessitura da vida pela linguagem (KRAEMER, 2016, p. 4).

Segundo a autora, o texto é um processo que envolve muitos autores. Deve-se levar em consideração no processo de ensino-aprendizagem a expressão, a situação e o objetivo da abordagem textual, buscando integrar esse processo às necessidades concretas dos alunos. Ainda defende que as atividades de leitura e escrita, condizentes com entendimento do dialogismo da linguagem, viabiliza a autonomia dos alunos na interlocução com textos alheios e na sua própria produção textual.

Em função disso, podemos pensar em uma proposta de leitura das crônicas musicais buarqueanas com o intuito de potencializar o processo de leitura dos alunos de modo que reconheçam a relevância dessas composições na cultura brasileira contemporânea. O contato com a expressividade da linguagem do artista e sua estética tende a apontar caminhos para que se desenvolva um trabalho com a linguagem do texto além de qualquer questão meramente gramatical. Em seu ensaio, Silva, discorrendo acerca da lírica buarqueana, menciona a representatividade de Chico Buarque em nossa cultura e o modo como sua obra dialoga com o nosso contexto:

Chico Buarque é um poeta comprometido com a vida. Celebra em seu canto a aventura humana de existir, de ser e estar no mundo em sociedade, compartilhando a experiência existencial com todos. Busca o sentido da vida humana em que a sua própria está inserida, descrevendo a trajetória de um eu lírico integrado na problemática humano-existencial e não diferenciado em sua individualidade, daí que o sujeito do discurso esteja coletivizado no “a gente” e não particularizado no “eu”, e o destinatário seja “minha gente” e não “me”, qualificando-se, dessa forma, como porta-voz de sua comunidade (SILVA, 2013, p. 50).

Entretanto, a ensaísta também apresenta a face de um poeta que concebe a permanência de uma obra independente dele, principalmente a partir da década de 90, numa manifestação transcendental da poesia. O eu lírico da poesia buarqueana não se prende a uma fórmula espaço-temporal condicionante, sendo ressignificado a cada nova leitura:

Assim, as diversas proposições de realidade pressupostas referenciadas na expressão subjetiva do eu lírico buarqueano são segmentos historicamente consumados da realidade brasileira, que o poeta pode acessar internamente, pela memória subjetiva de suas lembranças, ou externamente, pela memória poética do eu lírico. Ou seja, elas podem constituir proposições de realidade pressupostas para nova criação lírica e, como todas elas, transfiguradas na criação artística, independem do tempo e do espaço, são ainda e sempre proposições de realidade imediatas da experiência do eu lírico, sempre poderão ser referenciadas com outras, mescladas na expressão subjetiva do eu lírico, inclusive com a imediata da experiência existencial do poeta (SILVA, 2013, p. 52).

Em referência à adequação do texto buarqueano em sala de aula, podemos citar o trabalho de Telles, que elaborou uma sequência de análises das letras de Chico Buarque, explorando tanto o contexto histórico-social quanto os temas universais nesses textos, além dos procedimentos estéticos empregados pelo compositor. A autora, ao justificar a opção de desenvolver um trabalho com a obra desse artista, apresenta o aspecto literário de suas composições:

A linguagem literária se distancia da linguagem usual, especificando-se, pois, entre outras razões, devido à presença de fenômenos estéticos e devido ao caráter inusitado na organização do texto poético. A presença destes elementos na poesia de Chico Buarque é

um dado relevante para a comprovação de seu caráter artístico e, consequentemente, literário.

[...] Por isso, a criança e o adolescente devem poder se beneficiar de uma formação concebida para responder a essas necessidades, que compreendem, entre outros, os instrumentos de aprendizagem essenciais, como leitura, escrita, expressão oral, incluindo, neste processo, o uso da linguagem e a reflexão sobre língua e linguagem (TELLES, 2014, p. 7).

O estudo da arte literária, desse modo, deveria ultrapassar os limites pautados pelos dados biográficos dos autores e das fórmulas criadas a fim de que se identifiquem os movimentos literários de cada época. Concernente a essa questão, podemos ainda mencionar o pensador russo:

Estudaram-se, mais do que tudo, os *gêneros literários*. Mas estes, tanto na Antigüidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza *verbal* (lingüística) BAKHTIN, 1997, p. 280).

Portanto, visando a um ensino da língua numa perspectiva polifônica acreditamos ser fundamental a realização das arenas dialógicas a partir do estudo dos gêneros discursivos, com foco no estilo, na expressividade dos textos como forma de construção desse processo interlocutivo. As letras das canções narrativas de Chico Buarque possibilitam o entendimento dos hibridismos intergenéricos, ampliando a compreensão dos alunos acerca da tessitura dos enunciados, demonstrando que uma canção também pode ser uma crônica, e que essa pode comportar, além do aspecto sócio-político de sua época, temáticas inesgotáveis por serem atemporais e universais. O princípio da alteridade enquadra-se nesse momento dialógico, em que os alunos podem estar em contato com elementos tão comuns ao seu cotidiano, aliás, tão comuns, que, às vezes, passam despercebidos pela sua leitura do mundo. Esses outros, presentes na crônica buarqueana, possibilitam um reconhecimento de si mesmo, seja pela aproximação de contextos, seja pela empatia.

Além disso, pensamos que tenha relevância estabelecer a conexão entre o passado, nos textos buarqueanos, e o presente de nosso ambiente escolar a fim de que tenhamos uma dimensão do futuro, buscando afetar a formação do aluno em favor da autonomia. Concernente a essa conexão, Geraldi (2013, p.20) cita mais uma vez o professor pesquisador russo: “[...] o passado determina o presente de um modo criador e, juntamente com o presente, dá dimensão ao futuro que ele predetermina”. Portanto, a teoria bakhtiniana e a crônica musical de Chico Buarque podem contribuir de forma significativa na formação do aluno, uma vez que podem promover o diálogo entre as vozes imiscíveis e equipolentes dos alunos, assegurando-lhes a expressividade e o direito à exposição de suas ideias. O caráter humanizador das manifestações artísticas, nesse caso, a crônica narrativa musical de Chico Buarque, pode potencializar a leitura crítica dos alunos, incitando-os à autonomia no embate ideológico proposto a partir das leituras a serem desenvolvidas no ambiente escolar.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nessa pesquisa, buscamos mostrar a possibilidade de potencializarmos, nos alunos do ensino fundamental, a leitura literária a partir de crônicas musicais criadas por Chico Buarque. Uma vez que estamos desenvolvendo um trabalho conforme os pressupostos do dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 1997), realizamos a produção de dados a partir de uma abordagem qualitativa.

O fato de trabalharmos com a expressividade do texto buarqueano, o diálogo entre o contexto das crônicas musicais com o contexto dos alunos, assim como os aspectos polifônicos de sua obra, e a forma como a criatividade dos jovens educandos foi estimulada no decorrer do processo nos conduz a um procedimento oposto ao método monológico das ciências exatas. O movimento polifônico a ser fomentado em sala de aula mostra a necessidade de uma investigação centrada no cotejamento dos textos de um grupo tão heterogêneo como o pesquisado, portanto, não cabe nesse estudo o direcionamento dogmático e monológico das ciências exatas: “O pensamento que, como o peixe dentro do aquário, toca o fundo e as paredes, e não pode ir mais longe nem mais fundo. O pensamento dogmático” (BAKHTIN, 1997, p. 406).

Ao lidarmos com indivíduos os quais compartilham o mesmo espaço, mas cada qual com suas singularidades, que por sua vez foram construídas em um processo dialógico, percebemos a relevância de um método investigativo que vai além da elaboração de estatísticas e gráficos que pouco representam em termos de interação entre os múltiplos conhecimentos compartilhados pelos alunos ao longo do processo.

Parafraseando Bogdan & Biklen (1994, p. 47-51), há cinco características atribuídas à pesquisa qualitativa:

1. A fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. O investigador, nesse caso, preocupa-se com o contexto em que a pesquisa é desenvolvida; por essa razão, faz-se presente no ambiente de ocorrência da pesquisa.
2. A investigação qualitativa é descritiva. Ou seja, é de extrema importância o uso de palavras para a coleta de dados da pesquisa. Os textos produzidos no

período do estudo e os embates ideológicos por eles gerados constituem uma ferramenta fundamental à pesquisa.

3. O interesse maior dos investigadores é o processo em vez de somente o resultado ou produto obtido da pesquisa. No meio educacional, percebe-se a relação de alteridade construída entre alunos e professor de modo que ambos saem alterados em função da troca de experiências e dos diálogos desenvolvidos no momento da pesquisa.
4. A análise dos dados ocorre de forma indutiva. O objetivo não é confirmar hipóteses de forma programada, e sim direcionar a teoria tendo em mente o jogo interacional com os pesquisados. As questões mais relevantes somente são reconhecidas ao longo do processo.
5. A abordagem qualitativa enfatiza o significado. As pessoas envolvidas na pesquisa são sujeitos com história, com contexto, por isso, atribuem vários sentidos à realidade na qual estão inseridas, cada um partindo de sua própria experiência, que também é construída na relação com o outro.

Esses pressupostos apontam a imprescindibilidade de uma pesquisa a qual considere o sujeito em seu ambiente natural de interação. A sala de aula constitui o espaço comum entre os alunos, onde é possível ter o acesso formal à educação e ao conjunto de saberes normatizado em uma sociedade. Contudo, cada indivíduo estabelece um diálogo entre esses saberes e sua história, absorvendo à sua maneira o saber difundido para construir a sua visão de mundo em contato com as experiências alheias compartilhadas. Isso mostra a importância de se considerar o ponto de vista dos alunos inseridos na pesquisa. O pesquisador parte de seu ponto de vista a fim de que compreenda o do outro. O processo depende de uma contextualização, de uma interação efetiva que extrapole o artificialismo numérico. Por isso constatamos a necessidade de um cotejamento de textos (BAKHTIN, 1997) ao longo da pesquisa, em que os alunos poderão conhecer a palavra alheia, associá-la à sua realidade, debatê-la e expressar a sua própria também. Nesse sentido, dialogamos com o pensamento bakhtiniano:

O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo. Salientamos que se trata do contato dialógico entre os textos (entre os enunciados), e não do contato mecânico “opositivo”,

possível apenas dentro das fronteiras de um texto (e não entre texto e contextos), entre os elementos abstratos desse texto (entre os signos do texto), e que é indispensável somente para uma primeira etapa da compreensão (compreensão da significação e não do sentido). Por trás desse contato, há o contato de pessoas e não de coisas (BAKHTIN, 1997, p. 404, 405).

Desse modo, uma pesquisa que toma como ponto de partida as crônicas musicais de Chico Buarque e a potencialização da leitura literária em alunos do ensino fundamental deve seguir uma abordagem qualitativa, valorizando o ponto de vista dos alunos e as possíveis interações deles com os textos buarqueanos. Como estamos lidando com a expressividade da linguagem literária, não podemos nos prender a um resultado preciso e pré-determinado. A perspectiva é a da interação dos pesquisados com o tecido discursivo em diálogo com as vozes heterogêneas presentes em sua formação.

Considerando a imprescindibilidade das relações dialógicas na formação humana, buscamos, em nossa pesquisa, promover a interlocução com os pesquisados, uma vez que estes devem ser percebidos como sujeitos ativos no decorrer do trabalho investigativo. Dessa forma, é coerente o envolvimento do pesquisador uma vez que pretendemos provocar nos alunos atitudes responsivas diante dos discursos a serem explorados no período da pesquisa. Conforme Serodio e Prado (2015), a pesquisa acadêmica pode ser passível de transformação como, por exemplo, a partir de uma metodologia centrada na narração do acontecimento motivado pela pesquisa:

A pretensão de objetividade, racionalidade e neutralidade do pesquisador, desejável pela visão cartesiana de ciência que impera ainda sobre nossas produções têm uma direção diversa do percurso narrativo, que baseia-se em nossa subjetividade, sensibilidade, parcialidade na tomada de decisões. Assumimos a não imparcialidade, não neutralidade, (im)precisão, subjetividade de qualquer indivíduo (escritor ou leitor) e sabemos que podemos oferecer o rigor da verossimilhança, o calor da afetuosidade, a emoção do compartilhamento de nossas experiências narradas em nossas pesquisas (p. 93).

Esse pensamento nos conduz à valorização das relações reais construídas durante o processo, possibilitando nossa aproximação do evento pesquisado. Por essa ótica, concebemos o pesquisador como sujeito que participa da pesquisa, isento da pretensa neutralidade, propenso a atos responsivos e aos conflitos que naturalmente podem decorrer do processo de interlocução entre os participantes da pesquisa.

Nessa abordagem, a pesquisa narrativa no contexto educacional rompe com o dogmatismo cartesiano, explorando novas possibilidades de compreensão dos eventos oriundos do contexto escolar. A linguagem, como bem explicitado por Serodio e Prado (2015), não se limita ao domínio da norma acadêmica isenta de possibilidades criativas. Uma vez que estamos lidando com os enunciados produzidos no ambiente escolar, devemos abarcar o princípio de que o material pesquisado não deve ser engessado num formato rígido tão distante da esfera da realização efetiva do discurso.

Os gêneros discursivos, enquanto eventos relativamente estáveis (BAKHTIN, 1997), não se limitam a uma forma única e imutável. Por isso, uma pesquisa narrativa possibilita a projeção dos eventos em sala de aula de modo que as experiências pedagógicas sejam sentidas como acontecimentos significativos no campo das ciências da linguagem.

Os procedimentos metodológicos narrativos constituem-se de modo polifônico, tendo a polifonia bakhtiniana (BAKHTIN, 1997) extrapolado o campo da literatura para enriquecer o universo acadêmico e pedagógico. A pesquisa narrativa, pelo fato de estar direcionada a um ato pedagógico, apresenta a interação entre as diversas vozes coexistentes no contexto escolar investigado. Os sujeitos da pesquisa são equipolentes e buscamos, com isso, atitudes responsivas distintas face aos diálogos desenvolvidos no decorrer do processo. Isso nos leva a reavaliar a postura do pesquisador, pois, nesse sentido, tem sua voz em equipolência à dos pesquisados. A observação interventiva constrói-se com sujeitos reais, responsivos e conflitantes, e essa esfera de conflito nos transporta para além da pretensão da certeza proporcionada por uma metodologia tradicional cartesiana. A fundamentação da pesquisa nasce do encontro.

O pensamento bakhtiniano, portanto, corrobora a necessidade de o pesquisador envolver-se na pesquisa, evitando a neutralidade. Somos seres sociais e dialógicos,

somos formados pela constante presença do discurso alheio em conflito com o nosso, num processo de construção incessante de significações e ideologias. Uma vez que estamos inseridos em uma sala de aula e trabalhamos as questões relacionadas ao campo da linguagem e dos gêneros discursivos, compartilhando experiências e lançando as ideias numa arena dialógica, não há como, enquanto sujeitos da pesquisa, sairmos sem que sejamos afetados de alguma forma no decorrer do processo.

4.1 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos os quais participaram de modo responsivo da pesquisa são alunos do ensino fundamental II, do 8º ano, com idades entre 13 e 16 anos. O grupo é bastante heterogêneo, com jovens residentes no próprio bairro em que se situa a escola, local da pesquisa, assim como outros oriundos de bairros próximos ao ambiente escolar.

Em relação a alunos de outras escolas municipais, o corpo estudantil apresenta-se mais disciplinado, salvo exceções, com poucas ocorrências graves. O nível de alfabetização dos alunos em geral é satisfatório e o cumprimento das atividades propostas é, no mínimo, regular. Embora a escola se situe na Região V de Vila Velha, caracterizada como periférica e violenta, com alto índice de pobreza, os alunos participantes da pesquisa estão inseridos em níveis sociais não tão distantes, sendo que alguns possuem condições de vida mais confortável. Em geral, a família é presente na escola quando solicitada.

É claro que há uma parcela de indivíduos que apresenta desinteresse em relação aos conteúdos desenvolvidos nas várias disciplinas obrigatórias do currículo, contudo, diversos alunos empenham-se em atividades cotidianas e demonstram interesse concernente a projetos que extrapolem o método tradicional e monológico de ensino.

4.2 O ESPAÇO DIALÓGICO DA PESQUISA

A escola na qual ocorreu a pesquisa, Unidade Municipal de Ensino Fundamental Governador Christiano Dias Lopes Filho¹³, localiza-se no município de Vila Velha, na

¹³ Uma vez que o pesquisador inserido no programa de Mestrado Profissional Profletras, conforme o regimento, deve desenvolver sua pesquisa no espaço escolar no qual trabalha, optamos por não omitir o nome da instituição de ensino a fim de apresentar o espaço real da pesquisa. Contudo, preservamos a identidade dos participantes da pesquisa.

Região V, considerada periférica e estigmatizada como foco de pobreza e violência. Entretanto, o espaço da pesquisa situa-se às margens da Rodovia do Sol, denotando logo fácil acesso a alunos e professores. Contrariando o estigma associado a essa região, o bairro é tranquilo e parcialmente estruturado, com algum comércio e ruas asfaltadas.

Foto 1 – Entrada da UMEF Governador Chistiano Dias Lopes Filho



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

A escola possui uma boa estrutura física, com realização de oficinas de esportes, inclusive funcionando como sede de competições estudantis no nível municipal. Segundo dados do Censo/2016, a escola possui:

- 18 salas de aulas
- 122 funcionários
- Sala de diretoria
- Sala de professores
- Laboratório de informática
- Sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE)

- Quadra de esportes coberta
- Cozinha
- Biblioteca
- Banheiro dentro do prédio
- Banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
- Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
- Sala de secretaria
- Banheiro com chuveiro
- Refeitório
- Despensa
- Almoxarifado
- Auditório
- Pátio coberto
- Pátio descoberto
- Piscina semiolímpica

O corpo docente é composto de professores, em sua maioria, efetivos e alguns em designação temporária, sendo que vários trabalham em redes distintas e horários alternados. No município, entrou em vigor o processo de gestão democrática, por essa razão, o gestor escolar foi eleito com os votos dos professores, dos alunos e da comunidade. Os alunos com necessidades especiais recebem o atendimento de professores especializados, os quais sempre interagem com os professores das disciplinas específicas.

4.3 PROPOSTA INTERVENTIVA

Considerando as relações dialógicas como fundamentais ao processo de formação do ser humano (BAKHTIN, 1997), realizamos encontros quinzenais com a duração de duas aulas de cinquenta minutos em cada um deles. Nesse caso, pretende-se aproveitar as aulas geminadas para que os diálogos desenvolvidos no decorrer dos encontros não sejam interrompidos de maneira brusca, fator esse que poderia prejudicar o momento de interação com os participantes da pesquisa.

Consoante com a proposta do programa do Profletras, que é aplicar uma ação interventiva no contexto educacional, buscamos potencializar a leitura literária a partir das narrativas musicais de Chico Buarque. A aplicabilidade dos textos musicais desse artista foi demonstrada por Telles (2014) por meio de atividades propostas em diálogo com diversas letras de canções, incluindo crônicas musicais.

Para esse fim, inicialmente, aplicamos um questionário o qual abordou a preferência musical dos alunos, seu conhecimento acerca da MPB e do compositor e escritor Chico Buarque. Posteriormente, dedicamos um dos encontros ao diálogo acerca dos gêneros discursivos e o modo como eles podem se combinar conforme o contexto discursivo em que são empregados, demonstrando sua relativa estabilidade (BAKHTIN, 2013). Essa foi uma ocasião para apresentar o gênero crônica e suas características, do humor à reflexão provocada pelas narrativas presentes nesse gênero.

Em todos os encontros foram apresentados os textos buarqueanos selecionados a fim de que se consolidasse a relação dialógica pretendida. Após os momentos de pré-leitura, no qual os participantes da pesquisa puderam expor suas experiências a partir dos estímulos do pesquisador relacionados aos temas dos textos a serem compartilhados, os alunos puderam ouvir a forma musicada desses textos para que, a partir dessa apresentação, pudessem fazer a leitura suscitada pelos debates que foram estimulados com foco em cada uma dessas crônicas. Nesse momento, estimulou-se a participação dos pesquisados de forma dialógica e responsiva com o intuito de que as vozes distintas presentes no grupo possam interagir acerca das vozes polifônicas constituintes das crônicas buarqueanas. Essas leituras visaram ao desenvolvimento da produção textual oral e escrita dos alunos.

Segundo a resolução nº 001/2014-CONSELHO GESTOR, de 23 de abril de 2014, a qual estabelece diretrizes para a pesquisa do trabalho final no Mestrado Profissional

em Letras – PROFLETRAS, em seu artigo 3º estabelece que “A pesquisa deverá, preferencialmente, ser de natureza interpretativa e/ou interventiva, ou de interpretação da realidade, ou de elaboração de materiais pedagógicos (materiais didáticos, sequência didática, programas educacionais, software, vídeo, etc.).”

Dessa forma, como produto educacional, elaboramos um Caderno Pedagógico no formato de um e-book, abordando nove narrativas musicais de Chico Buarque em diálogo com os temas, as personagens das narrativas do artista mencionado e as referências literárias que influenciaram seu processo criativo. Buscamos, dessa forma, apresentar as possibilidades de hibridismo entre os gêneros discursivos para que os alunos ampliassem suas concepções acerca da criação literária.

Como referencial, tivemos a coletânea de contos organizada por Bressane (2010), na qual diversos escritores escreveram contos inspirados em composições buarqueanas. Trata-se de uma forma de diálogo entre autores, textos e gêneros discursivos os quais representam o dinamismo inerente à linguagem, contrariando as formas monológicas e autoritárias de análise dos enunciados. Pretendemos demonstrar o potencial criativo das manifestações linguísticas a fim de que os alunos ampliem seus conhecimentos no que se refere à leitura literária de modo que se desenvolvam como leitores ativos, participando do processo de construção de sentidos a cada momento de leitura.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A partir de uma abordagem qualitativa, por meio da pesquisa narrativa bakhtiniana aplicada à educação, realizamos, no período de 16/04 a 09/07 de 2018, o total de oito arenas dialógicas na escola UMEF Governador Christiano Dias Lopes Filho, situada no município de Vila Velha, com o objetivo de estimular a leitura crítica resultante do cotejamento dos textos a serem compartilhados no espaço da pesquisa.

Esses encontros serão descritos a seguir, a fim de que possamos buscar caminhos que nos possibilitem pensar a nossa questão de pesquisa: *como potencializar nos alunos do Ensino Fundamental II a leitura literária por meio de narrativas musicais de Chico Buarque?*

No evento denominado 1º encontro dialógico, dos 28 alunos matriculados na turma, encontravam-se 19 na escola. A assiduidade é relativa, pois às vezes fatores externos, tais como chuva, transtorno no transporte ou deslocamento entre bairros quando há conflitos entre grupos rivais, provocam um índice considerável de faltas. Nesse dia, houve chuva muito forte.

No momento inicial, foi aplicado um questionário (apêndice A) com as seguintes questões:

1- Qual estilo musical você gosta de ouvir em casa?

2- Qual artista do meio musical é mais apreciado por seus familiares?

3- Você já ouviu algo a respeito da MPB (música popular brasileira)? Você conhece algum artista desse estilo musical?

4- Você conhece o compositor e escritor Chico Buarque? Em caso afirmativo, escreva o que sabe sobre as obras dele e se você conhece alguém que goste das canções que ele compôs.

Em relação à primeira questão, que concerne ao estilo musical apreciado pelos participantes da pesquisa, 14 (73,68%) registraram preferência por mais de um estilo. Uma vez que a proposta desse encontro foi apresentar o artista Chico Buarque e o gênero musical no qual se enquadra, a MPB, torna-se relevante

perceber o contraste existente entre a estética desse artista e os estilos musicais apreciados pelos alunos. Esse momento é ilustrativo para a relação dialógica construída a partir dos conflitos de geração presentes nos gêneros distintos, como reflexo da heterogeneidade da turma envolvida na presente pesquisa.

Em ordem decrescente, apresentamos os gêneros musicais registrados pelos participantes da pesquisa e a quantidade de pesquisados que marcaram esses gêneros:

- Funk – 7
- Sertanejo – 5
- Eletrônica – 5
- Rap – 3
- K-Pop (pop coreano) – 3
- Rock – 2
- Pagode – 2
- Pop – 2
- Trap (variação do hip-hop) – 2
- Hip-hop – 2
- J-Pop (pop japonês) – 1
- Rock alternativo – 1
- Hard rock – 1
- Animes (trilhas sonoras) – 1
- Rap de games – 1
- Todos os gêneros – 1

Devemos salientar que as citações de gêneros musicais foram espontâneas. Nota-se que, dos 19 envolvidos na pesquisa, nenhum citou gêneros tais como MPB, samba, blues, entre outros. Esses dados nos apontam o desconhecimento ou desinteresse dos participantes no que se refere aos estilos considerados elitizados no meio musical. Pensamos que isso ocorra pelo fato de o espaço da pesquisa situar-se em área periférica, afastada do centro do município, região marcada por conflitos entre bairros decorrentes da disputa pela hegemonia do tráfico de drogas.

Não obstante o espaço escolar estar localizado em um bairro o qual não participa desses conflitos, pois fica às margens de uma rodovia, recebe muitos alunos oriundos de localidades marcadas pela violência. Nesse cenário, a forte influência dos meios midiáticos, tais como estações de rádio e emissoras de televisão, pode estimular os participantes a apreciarem os estilos musicais massificados.

No segundo item do questionário, os alunos deveriam registrar o nome do artista mais apreciado por seus familiares a fim de que se perceba de forma mais evidente o contexto heterogêneo o qual compõe o quadro de participantes da pesquisa. Desse modo, obtivemos os seguintes dados:

Quadro 1 – Gosto musical dos familiares dos participantes

Artista	Citações
Marília Mendonça	2
Zé Ramalho	2
Aline Barros	1
Alessandra Samadelo	1
Alisson e Neide	1
Amado Batista	1
Cazuza	1
David Bowie	1
Jefferson Pillar	1
Maiara e Maraísa	1
Metallica	1
Muse	1
Rafaela Pinho	1
Shakira	1

XxxTentacion	1
--------------	---

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Também foram marcados por cinco participantes, em vez dos nomes dos artistas, os gêneros musicais: forró (1), rock (1) e sertanejo (1).

Devemos ressaltar que os gêneros rock e sertanejo foram registrados pelo mesmo participante atribuindo essas preferências musicais ao pai e à mãe, respectivamente. Esse mesmo participante da pesquisa havia marcado, como gênero favorito, o rap, de modo que a presença de três gêneros musicais distintos apreciados por diferentes integrantes da família aponta a heterogeneidade musical dentro de um núcleo familiar.

Do total dos pesquisados, ainda foram registrados nesse item: muitos (1), nenhum (1) e não sabe (1). Concernente a esse último, podemos observar que um dos participantes desconhece o gosto musical dos familiares, apontando assim um distanciamento entre os integrantes dessa família.

Os dados apresentados na leitura desses tópicos nos permitem conhecer mais os participantes da pesquisa, possibilitando a ampliação do diálogo por meio da expressão livre das vozes dos alunos acerca de suas preferências, relações familiares, entre outros, que nos auxiliam a perceber as aproximações e os contrastes entre as gerações distintas.

Essa metodologia nos remete ao pensamento bakhtiniano, que não se restringe à pura metodologia cartesiana da análise de números e gráficos, pois, nesse processo, a interação com os sujeitos da pesquisa é fundamental, assim “O pensamento que, como o peixe dentro do aquário, toca o fundo e as paredes, e não pode ir mais longe nem mais fundo. O pensamento dogmático” (BAKHTIN, 1997, p. 406). Desse modo, entendemos que foi necessário investigar o contexto dos envolvidos na pesquisa a fim de que pudéssemos compreender a diversidade ideológica exposta pelos gêneros musicais distintos registrados pelos participantes. Essa metodologia nos conduz a uma concepção além da pura apresentação de números, pois nos revela parte da história do grupo, dos interesses, das relações dialógicas existentes nas aproximações e conflitos inerentes ao tecido social apresentado nesse ambiente.

Como forma de estímulo ao diálogo, a terceira questão tratou acerca do conhecimento dos pesquisadores sobre o gênero musical MPB, solicitando exemplos de artistas que seguem essa estética. Dentre os 19 alunos presentes nessa arena dialógica, 11 alunos (57,89%) responderam que conhecem e 8 (42,1%) afirmaram desconhecerem esse gênero. Dos 11 que responderam afirmativamente, 1 citou Ney Matogrosso e Caetano Veloso e 2 citaram somente Caetano Veloso. Curiosamente, foram citados por outros alunos a cantora Anitta (2) e a dupla Simone e Simária (2); Mc Kevinho (1); Ferrugem (1); Henrique e Juliano (1). Essas citações demonstram o desconhecimento desses pesquisados em referência ao “rótulo” MPB.

A quarta questão referiu-se ao conhecimento do participante sobre o artista Chico Buarque, sugerindo também a citação de alguma de suas canções de modo que apenas 4 (21,05%) responderam afirmativamente. Entretanto, nenhum dos participantes citou alguma obra buarqueana.

Os dados expostos anteriormente demonstram a necessidade de contextualização do artista Chico Buarque a fim de que se criem condições para a ampliação do diálogo no que concerne à relevância de sua obra no cenário musical brasileiro.

Para a análise dos dados produzidos nos encontros seguintes, o corpus foi selecionado a partir de duas produções escritas pelos participantes da pesquisa in loco, no horário da aula.

A primeira refere-se ao registro das memórias literárias dos alunos. Como diálogo motivador para a referida produção, foi compartilhado o conceito de fabulação (CANDIDO, 2011) por meio da leitura do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, e “João e Maria”, narrativa musical de Chico Buarque. Os textos foram apresentados em formato de vídeo. O primeiro, com declamação do próprio autor; o segundo, com uma animação em diálogo com a versão original em áudio nas vozes de Chico Buarque e Nara Leão.

Após uma arena dialógica na qual foi debatido o conceito de fabulação, os participantes foram estimulados por meio de indagações a falarem sobre as fantasias de sua infância e os contrastes em relação aos momentos fantasiosos presentes nos dois textos em diálogo. Na aula seguinte, foi solicitado aos

participantes da pesquisa que escrevessem um curto memorial composto de suas experiências literárias mais significativas em sua formação, as que mais os fizeram fabular.

O corpus analisado faz-se pertinente à nossa pesquisa visto que possibilita uma aproximação ao universo do pesquisado. Suas preferências literárias, a forma como a literatura pode ter influenciado sua vida dialogam com as fortes influências literárias nas composições de Chico Buarque. Estamos lidando com sujeitos em formação, por isso ocorre a inerente necessidade de aproximação para que o cotejamento de textos não se artificialize na busca de resultados pré-determinados.

O contato de pessoas está presente nas narrativas musicais buarqueanas aplicadas à pesquisa e isso refrata de modo que os pesquisados possam perceber a imprescindibilidade da leitura literária em sua formação cultural. Ainda acerca dessa questão, vimos em Serodio e Prado (2015):

A pretensão de objetividade, racionalidade e neutralidade do pesquisador, desejável pela visão cartesiana de ciência que impera ainda sobre nossas produções têm uma direção diversa do percurso narrativo, que baseia-se em nossa subjetividade, sensibilidade, parcialidade na tomada de decisões. Assumimos a não imparcialidade, não neutralidade, (im)precisão, subjetividade de qualquer indivíduo (escritor ou leitor) e sabemos que podemos oferecer o rigor da verossimilhança, o calor da afetuosidade, a emoção do compartilhamento de nossas experiências narradas em nossas pesquisas (p. 93).

Assim podemos entender que a expressão dos participantes motivada por um processo dialógico pode ampliar o campo da pesquisa, possibilitando novas perspectivas no desenvolvimento da investigação.

Dos 28 alunos, 6 (21,42%) haviam faltado, de modo que 18 (64,28%) entregaram o texto escrito e 4 (14,28%) deixaram de cumprir a atividade. Entre os 18 textos analisados, percebemos que não houve citação a algum texto literário canônico, seja nacional ou internacional, o que remete à observação de que, no conhecimento relativo à MPB, gênero musical canônico, o índice era inferior, pois entre os que registraram o conhecimento acerca desse gênero, 7 (63,63%) indicaram artistas populares de estilos distintos. Apenas 1 dos pesquisados não indicou um artista.

No que se refere à citação direta de alguma obra literária, 9 (50%) dos participantes registraram o título de ao menos uma obra. Entre as obras citadas, tivemos: *A culpa é das estrelas* (2), *O pequeno príncipe* (1), *Percy Jackson e o Mar de Monstros* (1), *Diários do Vampiro* (2), *O céu e o inferno* (1), *A vida sabe o que faz* (1), *Pink* (1), *Cinderela* (1), *Branca de neve* (1), *A pequena sereia* (1), *O menino do dedo verde* (1), *Aterrissagem forçada* (1) e *O diário de um banana* (1). Há ainda o caso em que um dos pesquisados, em vez de mencionar o título, resumiu o enredo de um romance que pudemos reconhecer como *O escaravelho do diabo*.

Dos relatos de experiência de leitura analisados, 6 (33,33%) apresentaram um resumo da narrativa citada. Um dos participantes também citou o autor Monteiro Lobato e as aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo, deixando de mencionar um título específico. Nesse relato, destaca-se o prazer proporcionado pelo ato da leitura e o modo como isso estimula a capacidade imaginativa do indivíduo:

A1: Bom eu já li muitos livros inclusive os que eu mais imaginei foi os livros de Monteiro Lobato sobre o sitio do pica pau amarelo, eu li a coleção inteira e amei, mas não vou falar dele, vou falar do a culpa é das estrelas, um livro maravilhoso que na primeira página você já se emociona (sic).¹⁴

Entre os textos analisados, 4 (22,22%) mencionaram a importância do hábito da leitura na formação de um indivíduo. Entre esses, um pesquisado relatou a influência da literatura no aperfeiçoamento de um ser humano:

A2: O melhor de ler algum livro, é você viajar na leitura, você imaginar o que se passa. Como se você estivesse junto com os personagens da história. Você comessa a ficar mais inteligente, mais culto, começa a escrever melhor e falar melhor. (...)

Eu não sou muito de ler, porque sou preguiçoso, mas queria muito gostar de ler, para que quando eu for trabalhar eu me dar bem e ser uma pessoa bem sucedida (sic).¹⁵

¹⁴ Mantivemos a grafia conforme o registro em punho do participante.

¹⁵ Idem.

Esse pequeno relato apresenta o conceito de que a leitura promove o aprimoramento intelectual, a evolução no processo da leitura e da escrita e, conseqüentemente, a possibilidade de ascensão social. Isso denota que uma pesquisa direcionada ao dogmatismo cartesiano não possibilitaria esse diálogo com a concepção de mundo do sujeito da pesquisa. Esses relatos apresentam muito mais dos participantes da pesquisa do que uma planilha amparada em respostas condicionadas.

Percebemos, nessa réplica do participante, a noção de que a leitura crítica possibilita ao indivíduo uma forma de aprimoramento intelectual que resulta na ruptura com o processo de aculturação ao qual estão submetidos os pares do participante que se pronunciara nessa arena dialógica. Segundo Bakhtin (2014):

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas (p. 117).

Conforme tal afirmativa, o processo de aculturação mantém o indivíduo restrito à reprodução automática de ideologias sem que se posicione ou emita uma contra palavra, e o potencial dessa foi reconhecido pelo participante ao mencionar o desenvolvimento da inteligência e a aquisição de uma cultura mais formalizada são adquiridos através do hábito da leitura. Essa reflexão pode ser motivadora para que a leitura literária seja mais buscada pelo participante.

Podemos ainda citar como momento dialógico, por isso conflitante, em que um aluno nascido em Portugal e estudante há algum tempo no Brasil apresenta seu ponto de vista acerca da leitura literária nos dois países:

A3: Bom é... Minha experiência com a literatura, não é muito vasta, acho que isso foi por relaxo meu, porque nasci em Portugal e lá a literatura é uma coisa que eles levam muito a sério. (...) Agora quando cheguei aqui no Brasil, tive muitas outras experiências da literatura na minha vida (...) e sobre todas essas leituras que tive elas me ajudaram

a ter uma experiência totalmente diferente do cotidiano normal de uma pessoa (sic).¹⁶

Essa experiência relatada pelo participante demonstra a possibilidade de ampliação da visão de mundo por meio da leitura literária. Ela também possibilitou a expressão da voz desse indivíduo cujas raízes culturais eram então desconhecidas pelo professor. Nesse processo, houve uma troca de experiências que afetou tanto o pesquisador quanto o pesquisado. A proposta de escrita do relato visou a uma reflexão acerca do impacto da leitura na formação de um indivíduo. Esse evento dialoga com a leitura crítica das narrativas musicais buarqueanas selecionadas para a pesquisa, pois, para uma compreensão ativa desses textos, é necessário um conhecimento literário. Dessa forma, procurou-se mostrar aos participantes que a leitura literária funciona como impulsor da compreensão ativa de textos pertencentes a gêneros discursivos distintos.

A segunda produção escrita em análise refere-se à produção de uma narrativa em prosa tendo como base as narrativas musicais “O meu guri” e “Pivete”, de Chico Buarque. A produção textual surgiu como desdobramento do encontro dialógico desenvolvido na aula anterior em que os dois textos foram apresentados em formato de vídeo: o primeiro, na versão da cantora Beth Carvalho; o segundo, na voz do próprio Chico Buarque.

Durante esse evento, houve um debate aberto concernente às questões sociais subjacentes a ambos os textos. Foram confrontados os conceitos de herói na sociedade, a situação de abandono das crianças nas zonas periféricas, a criminalidade a que estão sujeitas, o descaso do poder público, entre outros. Também foi discutido o desenvolvimento narrativo no gênero canção, trazendo a aproximação entre esses textos e a crônica narrativa. Após esse momento de troca de impressões, de expressão das vozes dos alunos, solicitamos aos participantes da pesquisa que escrevessem uma crônica narrativa promovendo um encontro entre o “guri” e o “pivete” dos textos mencionados. Escolhemos para fins de produção esse gênero a fim de que os pesquisados pudessem ampliar sua visão sobre os gêneros discursivos, observando a presença de elementos distintos em sua constituição. Além disso, procuramos estimular os participantes a experimentarem o labor artístico

¹⁶ Idem.

vinculado às questões sociais tanto discutidas em sala de aula. A atividade sugerida foi realizada em dupla ou individualmente.

Nesse dia, estavam ausentes 5 (17,85%) integrantes dessa turma. Portanto, tivemos um total de 8 textos produzidos, sendo 2 em dupla. Considerando o diálogo a ser desenvolvido com os textos buarqueanos, 7 (87,5%) abordaram os atos de infração das personagens, fazendo a referência à criminalidade na infância. Um dos atos infracionais da canção “Pivete”, o furto de um automóvel, foi mencionado em 4 (50%) textos; em relação aos assaltos praticados pelas personagens, 6 (75%) apresentaram essa situação na narrativa. Devemos mencionar que, ao final da narrativa buarqueana “O meu guri”, percebe-se que o desfecho foi trágico, resultando na morte da personagem. Em diálogo com a canção, 3 (37,5%) crônicas inseriram esse fim para a personagem e apenas 1 (12,5%) apresentou um desfecho trágico para ambas as personagens. Podemos acrescentar que 2 (25%) textos citaram a relação do “guri” com a mãe.

Outro fato a ser destacado é a criação de nomes para as personagens, promovendo uma humanização mais visível, uma vez que a ausência de nomes havia sido discutida no momento após a apreciação das narrativas musicais. Dessa forma, tivemos 2 (25%) textos com nomes criados para essas personagens. Em um dos textos, em dupla, os participantes foram influenciados por sua preferência ao universo pop oriental:

T1: Jackson Wang um pivete que vendia ciclete (sic) era flanelinha (...). Mark Lee um guri que nasceu (sic) no alto da favelada Rosinha (...).

Mark e Jackson se conheceram tentando roubar um carro de um grupo muito famoso chamado BTS cujos membros são: Kim Namjoon, Kim Seokjin, Min Yong, JunhHoseak, Park Simin, Kim Tachyung e SeonJunokook (sic).¹⁷

De certo modo, em seu texto permaneceu latente o gosto musical desses pesquisados, que aproveitaram um momento da narrativa para que inserissem seus ídolos musicais. Apenas um dos textos não apresentou os menores como infratores,

¹⁷ Mantivemos a grafia conforme o registro em punho do participante.

mas sim como vendedores de balas e chicletes. O texto destacou o trabalho infantil como uma forma de sobrevivência das famílias carentes, as quais precisam dos filhos para que tenham um acréscimo à renda. Essa narrativa inseriu as duas personagens como irmãos que trabalhavam para ajudar a mãe doente, e por isso estavam fora do espaço escolar, até que encontraram um homem caridoso que os ajudou.

Outra crônica a ser mencionada foi escrita por um participante geralmente pouco interessado nas aulas e com rendimento abaixo da média em algumas disciplinas. Interessante destacar que, como recurso narrativo, o participante criou uma introdução e, ao final, um desfecho que denota catarse:

T2: Um belo dia de segunda feira aconteceu uma tragédia, dois meninos cheios de sonhos foram pegos em um assalto a uma padaria, o final disso você verá no final da história (sic).

Na manhã seguinte todos choram ao saber que os meninos que eram tão adorados pela favela, foram mortos pela desgraçada vida no crime. Fim (sic)!¹⁸

Esse texto explorou a amizade surgida do encontro entre as personagens. O momento da morte do Guri promove a humanização das personagens: *Então guri morre por não aguentar o ferimento. Então pivete se ajoelha ao lado de guri, e começa a rezar (sic) (...)*. Isso demonstra a empatia do autor em relação a essas personagens que, em nosso meio, representam as vozes sociais ignoradas pelo sistema. Portanto, as aproximações entre a literatura e o contexto social são percebidas pelo participante, o qual apresenta sua leitura crítica estimulada pelo evento dialógico promovido nessa pesquisa.

Além desse texto, outro que pode ser empregado como exemplo de leitura responsiva é a narrativa de um participante escrita em tom de prosa poética, promovendo um quase encontro, mais um encontro de olhares entre dois infratores que fugiam das autoridades:

¹⁸ Idem.

T3: Dois infelizes meninos, com história para contar; faziam o que podia para se alimentar, ao mesmo olhar triste e sem vida, ninguém imaginava entre dois olhares uma única história à contar (sic).

(...) Mas um pequeno dia, tudo vai para o ar, corre, corre pra cá, corre, corre pra lá; vira a rua carioca e o outro manajá, com um único encontro em toda a sua vida, com uma única possibilidade pra conversar e mudar sua vida. Deixe pra lá...; o corre corre continua e o outro vai pra lá, o outro corre pra cá (sic).¹⁹

Tal escrita literária nos apresenta o estilo singular do participante. Uma vez que o grupo é composto de heterogeneidade, não devemos esperar uma mesma leitura, uma retomada dos textos originais com um olhar padronizado.

Nossa pesquisa ocorreu com sujeitos reais, responsivos e por isso conflitantes, pois cada um comporta em si as influências de seu contexto social de origem. As questões da vida de cada pesquisado influenciam sua produção, seu modo de perceber o mundo, inclusive o universo literário:

Pensando em diálogo com Bakhtin, como entendemos o que para ele importa, é o indivíduo singular no encontro com outros, em seu ato único, que supera a cisão dos mundos da vida e da cultura. No ato de narrar na dupla responsabilidade com a 'vida' e com a 'arte' (BAKHTIN, 2013) com as questões da vida e com as questões especiais do campo em que está inserido (SERODIO E PRADO, 2015, p.105).

Os encontros dialógicos desenvolvidos com os participantes nos permitiram um conhecimento maior acerca de suas histórias, ao passo que também contribuimos em sua formação ao apresentarmos elementos até esse momento desconhecidos para eles. Essa experiência transformou a ambos: pesquisador e pesquisado. Pudemos perceber que, de certa forma, houve um estreitamento na relação entre os participantes da pesquisa e o texto literário de modo que, pelo confronto dialógico, suas leituras poderão sempre buscar algo a mais.

Nesse encontro, pudemos escutar as diversas vozes sociais expressas nas narrativas musicais de Chico Buarque do mesmo modo que pudemos dialogar com os participantes, que também apresentaram a sua voz nas arenas dialógicas

¹⁹ Mantivemos a grafia conforme o registro em punho do participante.

mediante a palavra e a contra palavra, as réplicas e as tréplicas. Esse movimento polifônico nos remete à teoria bakhtiniana, que defendeu a capacidade de Dostoiévski em perceber as vozes de seu tempo:

Dostoiévski tinha o dom genial de auscultar o diálogo de sua época, ou, em termos mais precisos, auscultar a sua época como um grande diálogo, de captar nela não só vozes isoladas mas antes de tudo as *relações dialógicas* entre as vozes, a *interação* dialógica entre elas. Ele auscultava também as vozes dominantes, reconhecidas e estridentes da época, ou seja, as ideias dominantes, principais (oficiais e não-oficiais), bem como as vozes ainda fracas, ideias ainda não inteiramente manifestadas, ideias latentes ainda não auscultadas por ninguém, exceto por ele, e ideias que apenas começavam a amadurecer, embriões de futuras concepções do mundo (BAKHTIN, 2002, p. 89).

Da mesma forma, notamos Chico Buarque como um artista que “ausculta” as vozes sociais distintas em diálogo com as vozes literárias que permeiam sua obra. Entre elas, temos o operário da construção civil, o guri, o pivete, os trabalhadores que fugiram da miséria de Brejo da Cruz, o casal que receberá os amigos para uma feijoada entre outras vozes que dialogam com poetas como Manuel Bandeira, Torquato Neto, Carlos Drummond de Andrade e também escritores como Albert Camus, cujo romance *O estrangeiro* (de 1942) foi referenciado na narrativa musical buarqueana “As caravanas”, por exemplo.

A percepção desses elementos polifônicos pode conduzir os participantes a uma leitura crítica dos textos que circulam em diferentes esferas sociais, pois o contato resultante do cotejamento desses textos trouxe aos participantes a experiência do inaudito e do não lido, resultando na ampliação de sua visão de mundo. Essas novas experiências trouxeram positivamente os conflitos inerentes ao processo dialógico, oportunizando aos participantes o contato com textos relevantes em nossa cultura, de maneira que puderam perceber a necessidade de potencializar a leitura literária como forma de desenvolvimento do indivíduo.

5.1 O PRODUTO EDUCACIONAL

Entre diversos cursos de mestrados profissionais, o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), curso de pós-graduação *stricto sensu*, tem como

objetivo a formação especializada de docentes de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental em todo o território nacional.

Uma vez que esse programa se destina ao aprimoramento dos professores de modo que a qualidade do ensino da língua materna obtenha resultados significativos na formação do corpo discente, foram traçados os seguintes objetivos²⁰:

- O aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita;
- O declínio das atuais taxas de evasão dos alunos durante o ensino fundamental;
- O multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da internet;
- O desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos compatíveis aos nove anos cursados durante o ensino fundamental.

O Profletras busca também concretizar os seguintes objetivos:

- Qualificar os mestrandos/docentes para desenvolver múltiplas competências comunicativas dos alunos em ambiente online e offline;
- Instrumentalizar os mestrandos/professores do ensino fundamental de maneira que eles passem a bem conduzir classes heterogêneas, seja do ponto de vista de níveis de competências linguísticas dos alunos, seja no que tange aos quadros de desenvolvimento atípicos que os alunos apresentem;
- Indicar os meios adequados para trabalhar diferentes gêneros discursivos e tipos textuais nas práticas de ensino e da aprendizagem da escrita, da leitura e da produção textual em suportes digitais e não digitais;
- Salientar as funções referenciais e metacognitivas das línguas de forma que os docentes saibam trabalhar peças textuais com traços literais e não literais,

²⁰ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/profletras>. Acessado em 27/10/2018, às 16h09.

distinguindo-as, assim, nos planos denotativo e conotativo da linguagem e dos textos;

- Aprofundar os conhecimentos dos docentes no que se refere aos diversos subsistemas fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático da linguagem;
- Instrumentalizar os docentes de ensino fundamental com objetivo de elaborar material didático inovador que lance mão, quando conveniente e relevante, de recursos tecnológicos modernos à disposição.

Em relação ao último item, percebemos a necessidade de elaborar um produto educacional que dialogue com as novas mídias educacionais a fim de que atenda a um grupo heterogêneo de alunos, enfatizando o aprendizado da língua a partir de seu uso exposto por meio de gêneros discursivos distintos, ampliando a percepção referente à conotação e à denotação presentes nesses textos.

Conforme as orientações da CAPES (2012, p.3), incluem-se entre os tipos de Produto Educacional os seguintes itens:

- Mídias educacionais (vídeos, simulações, animações, experimentos virtuais, áudios, objetos de aprendizagem, aplicativos de modelagem, aplicativos de aquisição e análise de dados, ambientes de aprendizagem, páginas de internet e blogs, jogos educacionais etc);
- protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais;
- propostas de ensino (sugestão de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção etc.);
- material textual (manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares);
- material interativo (jogos, kits e similares);

- atividades de extensão (exposições científicas, cursos, oficinas, ciclos de palestras, exposições, atividades de divulgação científica e outras).

Em função disso, buscamos criar um caderno pedagógico, em forma de e-book, o qual apresenta a sugestão de oito oficinas, ou encontros dialógicos, desenvolvidos a partir de narrativas musicais do autor/compositor Chico Buarque. Para isso, amparamo-nos nos conceitos bakhtinianos de polifonia e dialogismo, já apresentados no capítulo 2, trabalhando as vozes sociais expressas no cancionário buarqueano e os textos literários que influenciaram seu processo de composição. Nesse material, consideramos oportuno abordar canções que se desenvolvessem em forma de narrativas para que pudéssemos explorar as aproximações entre esses textos e os gêneros literários com o intuito de salientar a relevância dos conhecimentos literários na formação de um indivíduo.

As arenas dialógicas a serem provocadas pelo cotejamento dos textos buscam o desenvolvimento do diálogo com a realidade dos alunos a partir das seguintes narrativas buarqueanas:

- 1º encontro dialógico: “A banda” (após contextualização e humanização da figura do artista);
- 2º encontro dialógico: “Feijoada completa” (em diálogo com o conto “Feijoada completa”, de Luís Fernando Veríssimo);
- 3º encontro: “O meu guri” e “Pivete”;
- 4º encontro dialógico: “Até o fim” (em diálogo com o “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade);
- 5º encontro dialógico: “Brejo da Cruz”(em diálogo com o conto Lodaçal, de André Sant’Anna);
- 6º encontro dialógico: “João e Maria” (em diálogo com “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira);
- 7º encontro dialógico: “Construção” (em diálogo com o poema “Construção”, de Carlos Drummond de Andrade);
- 8º encontro dialógico: “As caravanas” (em diálogo com o romance *O estrangeiro*, de Albert Camus, e “Caravan”, de Duke Ellington).

Pensamos, com nossa proposta, em oportunizar aos participantes da pesquisa o contato com o inaudito, uma vez que fora registrado um desconhecimento acerca da vida e da obra de Chico Buarque. Tal fato nos motivou a buscar a aproximação dos textos buarqueanos ao cotidiano dos alunos, buscando as possíveis conexões e o desenvolvimento da empatia com as personagens dessas narrativas musicais. Soma-se a isso a observação das referências literárias constantes nas canções de Chico Buarque, denotando o potencial da literatura na formação humana. Pretende-se, desse modo, estimular a leitura literária como recurso para a ampliação da visão de mundo, superando as limitações mantidas pelos discursos do senso comum com a expectativa de provocar o aluno a pensar com uma criticidade cada vez mais constante.

5.2 VALIDAÇÃO DO PRODUTO COM OS PARES

Durante o evento denominado V Semana de Letras – Língua e Literatura: Resistências na Educação, realizado no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, o produto foi validado por meio do diálogo com os pares na modalidade do minicurso A Polifonia Bakhtiniana na Crônica Musical de Chico Buarque: Caminhos para a Leitura Literária na Escola. Para esse fim, foi apresentado o oitavo encontro dialógico, o qual consta no Caderno Pedagógico com o título “Conflitos sob o sol escaldante”.

O encontro teve início com a exibição do clipe “As caravanas”, de Chico Buarque, no qual surgem na tela os versos dessa narrativa musical em meio a efeitos visuais diversos em consonância com as situações narradas na letra da canção. Posteriormente houve um diálogo acerca das impressões causadas pela apreciação do vídeo, de modo que os participantes do evento se pronunciaram acerca do teor crítico do material, sobretudo em relação ao racismo em nossa sociedade contemporânea. Após essa troca de impressões, fizemos a contextualização concernente a Bakhtin, a Dostoiévski, à polifonia musical e ao romance polifônico.

Em seguida, exploramos as relações dialógicas entre o texto buarqueano e ao jazz “Caravan”, de Duke Ellington, apresentando alguns dados biográficos desse compositor e exibindo uma versão dessa música a partir de uma execução extraída do longa-metragem Wiplash. Em seguida, fizemos algumas considerações acerca

do romance *O estrangeiro*, de Albert Camus, também apontando alguns dados biográficos relevantes na trajetória desse escritor. Com essas informações, pudemos partir para a análise da letra dessa narrativa musical de forma que vários participantes puderam contribuir com a sua contra palavra. Depois ressaltamos a participação de um ícone do funk carioca, Rafael Mike, na execução da música através de seu beatbox, demonstrando a proximidade entre esse material e a realidade dos participantes da pesquisa, já que vários desses apreciam tal gênero musical. Com isso, procuramos apresentar o potencial dialógico de Chico Buarque, constantemente atento à contemporaneidade.

Nossa proposta seguinte consistiu na elaboração de estratégias para trabalhar o texto “As caravanas” em sala de aula. Em consenso, destinamos cerca de meia hora a fim de que os inscritos no minicurso (professores e estudantes de Letras) pudessem refletir sobre essa questão. Ao final, vários inscritos mencionaram a possibilidade de trabalhar com teatro, com fatos relacionados à escravidão, com produção de textos literários, tais como poemas e crônicas, ou textos opinativos. Após essa troca de experiências, dialogamos acerca das propostas, de modo que elaboramos no quadro as ressonâncias desse trabalho na leitura literária de nossos alunos:

- Aproximação dos leitores ao viés crítico da leitura/do texto;
- possibilidades de um trabalho intertextual com a leitura;
- processo criativo mostrado como uma força dialógica (diálogo entre a literatura e outras linguagens);
- a experiência do inaudito (novidade) para os alunos;
- o trabalho com a linguagem em uma perspectiva social (leitura das contradições sociais);
- estímulo à responsividade e à autoria dos leitores.

Por fim, entregamos a ficha de avaliação do minicurso, a qual se encontra no apêndice B. Dos 29 participantes, 2 (6,89%) atribuíram nota 8 ao curso. Curiosamente, notamos que uma das justificativas baseou-se no fato de o

participante não apreciar o trabalho de Chico Buarque, considerando-o um péssimo músico. Verificamos que 2 (6,89%) atribuíram nota 9 ao passo que 25 (86,2%) pontuaram com a nota 10.

Devemos mencionar que outras narrativas musicais buarqueanas foram também citadas no minicurso como possibilidades de trabalho em sala de aula, tais como “O meu guri” e “Feijoada completa”, também presentes no Caderno Pedagógico em questão. O diálogo que construímos nesse minicurso corroborou a necessidade de uma proposta pedagógica com ênfase no desenvolvimento da criticidade do aluno, e isso é possível por meio da observação dos processos dialógicos envolvidos na gênese dos textos de distintas esferas discursivas. Além disso, é pertinente sempre criar uma relação empática a partir da humanização das personagens dos textos trabalhados e dos autores também a fim de gerar uma aproximação entre esses eventos discursivos e o cotidiano dos alunos, saindo do mero abstracionismo para mergulhar no contexto pulsante da vida.

5.3 VALIDAÇÃO DO PRODUTO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O processo de validação também foi aplicado junto aos participantes da pesquisa. Uma vez que todos os encontros foram finalizados, entregamos uma ficha de avaliação do projeto desenvolvido no espaço escolar a qual consta no apêndice C. Esse questionário é composto de cinco questões. Recolhemos um total de 22 fichas dos participantes. Nesse processo, buscamos analisar as respostas referentes às seguintes questões:

- a) Você considera os conteúdos dos encontros realizados durante o projeto importantes para o seu aprendizado?
- b) De alguma forma, as letras de Chico Buarque e os textos literários com os quais ele dialogou influenciaram o seu modo de ler um texto literário?

Consideramos oportuno destacar tais questões já que elas apresentam o modo como os encontros dialógicos e as arenas advindas dessas propostas puderam afetar o envolvimento do participante com a aquisição do saber. Esse momento possibilitou o uso da palavra e da contra palavra, de maneira que os participantes puderam expressar seu parecer relacionado ao impacto desse projeto em sua vida.

Concernente à primeira questão mencionada, verificamos que 16 (72,72%) participantes responderam “sim”, ao passo que 3 (13,63%) responderam “não” e 3 (13,63%) registraram “um pouco” ou “mais ou menos”. Entre os que responderam positivamente, um justificou com a alegação de que foi incentivado a escrever mais.

Em referência ao segundo item citado do questionário, sobre a influência no modo de leitura de um texto literário, tivemos 12 (54,54%) que responderam afirmativamente, 6 (27,27%) que registraram uma resposta negativa e 4 que responderam “um pouco”. Das respostas afirmativas, destacamos as seguintes justificativas:

A1: Sim, me influenciaram quando eu lia e imaginava alguns pontos da minha vida na música.

A2: De certa forma sim estimula a ter facilidade na ora da leitura.

A3: Sim, pois a maior parte de suas musicas e poemas eram na realidade.²¹

Essas justificativas demonstram o diálogo das composições buarqueanas com os elementos de nossa realidade, potencializando uma leitura de teor mais crítico e o modo como os participantes perceberam essa relação. Em relação ao último item do questionário, o qual solicita uma nota a ser atribuída aos encontros dialógicos, verificamos os seguintes resultados:

Quadro 2 – Avaliação dos participantes

Nota	Quantidade
Sem nota	1 (4,54%)
5,0	3 (13,63%)
7,0	7 (31,81%)

²¹ Mantivemos a grafia conforme o registro em punho do participante.

8,8	3 (13,63%)
9,0	1 (4,54%)
10,0	7 (31,81%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Dos participantes (identificados a seguir como **P**) que atribuíram a nota 5,0, no caso a menor, extraímos as seguintes justificativas:

P1: 5, seilá não achei grandes coisa.

P2: 5, pois teve seu lado bom e o ruim.

P3: 5, não gostei muito.²²

Trata-se de um momento significativo, pois a possibilidade de expressar uma contra palavra referente a um processo avaliativo revela a dimensão da heterogeneidade do corpo estudantil em termos de preferências e perspectivas. Devemos ressaltar que o propósito dos encontros não consiste em formar um público apreciador da obra do artista Chico Buarque, e sim apresentar o potencial dialógico de seus textos com a esfera literária a fim de que o participante perceba a necessidade de uma leitura mais crítica diante de textos de gêneros discursivos distintos.

Entre os que atribuíram a nota máxima, observamos as justificativas a seguir:

P4: 11, porque é muito foda.

P5: 10, pois foram muito legais e houve muito aprendizado.

P6: 10, os encontros foram bem interessantes.

P7: 10, porque o professor é nota 10 e a musica dele é muito boa.

P8: 10; porque aprendi mais e gosto de aulas assim e amo ouvir novas músicas.²³

Esses registros denotam a concretização das ressonâncias desse trabalho na leitura literária dos participantes conforme o diálogo desenvolvido com os pares, pois apresenta a experiência do inaudito e a aproximação do leitor ao viés crítico no processo de leitura.

²² Mantivemos a grafia conforme o registro em punho do participante.

²³ Idem.

É preciso mencionar que, conforme a análise dos dados, os gostos musicais dos participantes são bastante heterogêneos, mas nenhum havia mencionado a MPB como gênero musical apreciado. Portanto, já esperávamos que alguns participantes avaliassem de forma negativa os encontros dialógicos em torno das narrativas musicais buarquianas. Contudo, também descobrimos participantes que já haviam escutado alguma canção de Chico Buarque, mas cuja memória só veio à tona após a execução de algum dos textos. Independentemente do gosto musical, o propósito de mostrar as relações dialógicas entre os textos e a polifonia configurada nas vozes sociais expressas no cancionário buarquiano como forma de potencializar a leitura literária por meio do viés crítico mostrou-se possível no espaço escolar, desde que haja o constante espaço para o uso da palavra e da contra palavra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos no dialogismo e na polifonia bakhtiniana, entendemos que nossa proposta não se esgota neste evento discursivo, pois, conforme o próprio Bakhtin, não há uma palavra final, o diálogo é inconclusivo, trazendo sempre uma perspectiva de resposta futura. Concernente a essa questão, ele afirmou que “A realidade – escreveu o próprio Dostoiévski – não se esgota no essencial, pois uma grande parte deste se encerra sob a forma de palavra futura ainda não latente, não pronunciada” (2002, p.89).

A fim de que possamos prosseguir com nosso diálogo, retomamos a questão a qual nos motivou a prosseguir com nossa pesquisa: como potencializar nos alunos do Ensino Fundamental II a leitura literária por meio de narrativas musicais de Chico Buarque?

Percebemos que, nesse momento, há uma forte corrente de radicalismo a qual tenta coibir o desenvolvimento da criticidade do cidadão e algumas forças buscam o enaltecimento do saber fixo, cartesiano, restrito aos conteúdos normativos como forma de impedimento do diálogo, da expressão das vozes heterogêneas que constituem o nosso país. Como contra palavra, devemos buscar o caminho reverso de modo que a escola seja um espaço de fato democrático, e isso deve partir da resistência à cultura do silêncio que se tenta instaurar.

Torna-se cada vez mais necessário estimular as vozes de nossos alunos para que participem do diálogo o qual deve ser constante no espaço escolar. Buscamos, no decorrer de nosso projeto, criar um espaço para as réplicas e as tréplicas dos participantes da pesquisa, já que a concordância e a discordância desses alimentam o diálogo que almejamos impulsionar a partir da apresentação dos textos buarqueanos e dos textos literários abordados na realização dos encontros dialógicos. Isso nos remete ao pensamento bakhtiniano, segundo o qual:

E evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados. Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa (BAKHTIN, 2014, p. 110,111).

Em relação a isso, observamos nas narrativas musicais de Chico Buarque um constante desacordo com a ideologia dominante, e esse contraste vem expresso

pelas vozes sociais distintas que ecoam de seus textos. Em espaços e tempos distintos, seus textos dialogam com as questões sociais que ainda se fazem presentes em nossa contemporaneidade, tais como o abandono do menor, a exclusão por etnia e classe social, o relacionamento entre o homem e a mulher, a perseguição política, entre outras.

Esses elementos permitem uma identificação com o cotidiano dos alunos, o que pode despertar a empatia com aqueles que são tanto diferentes quanto semelhantes num contexto crítico em que as liberdades individuais são colocadas em risco por causa da idealização de valores normativos impostos por uma cultura de homogeneização do ser humano. Por essa razão, buscamos inicialmente apresentar uma humanização do ícone Chico Buarque por meio de fotos, depoimentos, relações familiares, vídeos, a fim de que a distância entre o artista e público que então o desconhecia fosse diminuída. Procuramos também aproximá-lo das questões da juventude ao falarmos de sua apreciação pelo futebol, de seu encontro com Bob Marley, artista esse reconhecido por uma parte dos alunos e da participação do funkeiro carioca Rafael Mike na narrativa musical “As caravanas”.

Quando observamos que os participantes da pesquisa puderam opinar, apresentar suas impressões acerca da relevância desses textos em sua formação, nós pudemos perceber o quanto eles contribuíram com a nossa pesquisa, pois de alguma forma, ambos saímos transformados nesse processo. Também foi transformador ouvir desses alunos as maneiras como entenderam os textos aplicados no projeto assim como as leituras distintas que surgiram ao longo de nossos diálogos. E esse caráter dialógico deve ser estendido ao estudo de uma obra literária.

Referente a essa questão, podemos enfatizar que a leitura literária que se pratica no espaço escolar muitas vezes se detém aos limites da interpretação de texto tradicional, não obstante a leitura crítica defendida pela LDB e amplamente discutida nas formações de professores. Portanto, torna-se necessário estimular um olhar sobre o texto literário que o conecte às questões da vida, aproximando o leitor das distintas vozes presentes nas diversas obras literárias.

Ao abordarmos as referências literárias presentes nas narrativas musicais de Chico Buarque, pudemos mostrar aos alunos que o potencial criativo desse artista é fruto

de muita leitura literária, de muito diálogo com autores diversos que, por sua vez, também foram influenciados por outros escritores em seu tempo. Isso pode despertar no aluno a necessidade da leitura como forma de amadurecimento intelectual, uma vez que se promove o rompimento com o abstrato conceito de “inspiração” para que a produção literária seja notada como produto de um trabalho dialógico. Por essa razão também procuramos estimular, no decorrer dos encontros dialógicos, pesquisas e produções escritas em diálogo com os temas abordados em cada encontro.

Portanto, consideramos que o trabalho docente na perspectiva da formação de um cidadão crítico deve ser direcionado ao estímulo à reflexão, e a leitura literária torna-se um elemento o qual pode tornar isso mais viável. Contudo, para que o estudo literário não se restrinja à interpretação de texto padronizada ou ao estudo normativo das escolas literárias, é preciso que a abordagem seja dialógica, provocativa, pois assim pode ser possível trazer novas perspectivas para o desenvolvimento intelectual dos alunos e novas maneiras de entender os fenômenos linguísticos, rompendo com o padrão puramente normativo e estruturalista o qual não condiz com as situações vivas de uso da língua.

Acreditamos que a leitura literária pode sim ser potencializada por meio de iniciativas que visem às relações dialógicas entre os textos, e as narrativas musicais de Chico Buarque as quais lançamos às arenas dialógicas do espaço escolar comportam elementos potencializadores uma vez que surgiram de diálogos com textos literários de gêneros discursivos distintos. Essa flexibilidade possibilita aos alunos formas mais amplas de ler um texto literário ou de perceber o modo como a literatura se estende a outros domínios, sendo, por isso, uma forma constante de representação da vida.

Logicamente, esse diálogo não se encerra neste espaço. Conforme Bakhtin: “Enquanto o homem está vivo, vive pelo fato de ainda não se ter rematado nem dito a sua última palavra (2002, p. 58)”. As réplicas e as nossas tréplicas que possam advir desse cotejamento de textos e de ideias nos estimula a buscar com mais intensidade os caminhos que nos possam conduzir a práticas pedagógicas mais dialógicas, por isso mais democráticas num momento histórico em que grupos de vertente monológica buscam cercear o pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. “Discurso sobre lírica y sociedad”. In: ADORNO, T. W (org.). **Notas de literatura**. Barcelona: Ariel, 1962.
- AGUIAR, Miriam Bevilacqua. **Tempo e Artista. Chico Buarque, avaliador de nossa cotidianidade**. Tese (doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- AGUSTINO, Nátali Soares. **Letras de rap e a linguagem poética: uma proposta de ensino de leitura no Ensino Médio**. Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté. Taubaté, 2015.
- ARAÚJO, Bárbara Del Rio. O procedimento irônico como estratégia da forma polifônica em Memórias do Subsolo, de Fiódor Dostoiévski. **Entrepalavras**, Fortaleza- ano 3, v.3, n. 2, p. 139-150, Ago/Dez 2013.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.
- BECKER, Caroline Valada. A crônica e suas molduras, um estudo genológico. **Revista Estação Literária**, vol. 11(p. 10-26). Londrina, 2013.
- BIKLEN, SariKnopp, BOGDAN, Robert C. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRAIT, Beth, Machado, Irene. O encontro privilegiado entre Bakhtin e Dostoiévski num subsolo. **Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1): 24-43, Ago/Dez 2011.
- CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler: crônicas**, volume V. São Paulo, Ática, 2003.
- _____. **Vários escritos**. 5ª edição, corrigida pelo autor. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro 2011.
- CARVALHO, Letícia Queiroz de, GOMES, Antônio Carlos. As contribuições de Mikhail Bakhtin para o ensino da Língua Portuguesa na educação profissional. **Revista Ifes Ciência**, nº2, V.1, 2015.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

FERNANDES, Rinaldo (org.). **Chico Buarque** :o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: LeYa, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. "Implicações do ser no mundo e responder aos desafios que a educação nos apresenta." In: FREITAS, Maria Teresa (org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GERALDI, João Wanderlei. "Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin." In: FREITAS, Maria Teresa (org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HOMEM, Wagner. **Histórias de canções** :Chico Buarque. São Paulo :Leya, 2009.

KATO, Mayara Yukari. **(Des)construção da crônica drummondiana** : heterogeneidade enunciativa e efeitos de sentido. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Londrina, 2016.

KRAEMER, Márcia Adriana Dias. Ensino gramatical de língua materna: uma arena de conflitos. **Revista Letra Magna**, Ano 03, nº4, 1º semestre de 2006.

KRAMER, Sônia. "A educação como resposta responsável: apontamentos sobre o outro como prioridade." In: FREITAS, Maria Teresa (org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LEITE, Francisco Benedito. **Mikhail Mikhailovich Bakhtin**: breve biografia e alguns conceitos. Revista Magistro. Vol. 1 Num.1 2011.

MORAES, Vinicius de. **Vinicius de Moraes**: poesia completa e prosa: volume único/ Organização: Eucanaã Ferras. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

PACHECO, Siomara Ferrite Pereira. **Discurso, Cognição e Sociedade**: texto e contexto na representação do feminino por Chico Buarque de Hollanda. Tese - (doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

PRADO, Guilherme do Val toledo, PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins, RODRIGUES, Nara Caetano, SERODIO, Liana Arrais (org.). **Metodologia narrativa de pesquisa em educação**: uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015.

ROMAN, Artur Roberto. O conceito de polifonia em Bakhtin- o trajeto polifônico de uma metáfora. **Letras**, Curitiba, n. 41, p. 207- 220, 1992-93. Editora da UFPR.

SANTOS, Francinaldo Aprígio. **Uma proposta de leitura com o gênero textual crônica no ensino de língua portuguesa.** Dissertação (mestrado em Letras) – Profletras. Currais Novos, 2016.

SOUZA, Eliana Aparecida Albergoni de. **Percursos de Leitura:** Trabalhando com a Letra de Canção na Sala de Aula. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2014.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. “A lírica buarqueana.” In: FERNADES, Rinaldo (org.). **Chico Buarque:** o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: Leya, 2013.

TELLES, Tereza. **Chico Buarque na sala de aula 1:** Leitura, interpretação e produção de textos. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

APÊNDICE A – Questionário



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Vitória



PROFLETRAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

Nome:	Série:
Questionário	
1- Qual estilo musical você gosta de ouvir em casa?	
2- Qual artista do meio musical é mais apreciado por seus familiares?	
3- Você já ouviu algo a respeito da MPB (música popular brasileira)? Você conhece algum artista desse estilo musical?	
4- Você conhece o compositor e escritor Chico Buarque ? Em caso afirmativo, escreva o que sabe sobre as obras dele e se você conhece alguém que goste das canções que ele compôs.	

APÊNDICE B—Avaliação do minicurso no diálogo com os pares



Avaliação do minicurso **A polifonia bakhtiniana na crônica musical de Chico Buarque: caminhos para a leitura literária na escola.**

a) O conteúdo está adequado aos alunos de 8º e 9º ano de Ensino fundamental?

b) A forma de apresentação do conteúdo e de organização das atividades está clara? Os alunos podem ter dificuldade em entendê-las?

c) Os textos apresentados são atrativos para os alunos?

d) As atividades apresentadas colaboram para o debate e compreensão dos conteúdos propostos?

e) Em uma escala de 0 a 10, que nota você atribuiria ao minicurso? Justifique.

APÊNDICE C – Avaliação dos participantes da pesquisa

INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Vitória



PROFLETRAS

Avaliação do projeto A polifonia bakhtiniana nas narrativas musicais de Chico Buarque e a formação do leitor literário no Ensino Fundamental II.

a) Você considera os conteúdos dos encontros realizados durante o projeto importantes para o seu aprendizado?

b) A apresentação do conteúdo e a organização das atividades foram claras para você?

c) As narrativas musicais de Chico Buarque foram interessantes para você?

d) De alguma forma, as letras de Chico Buarque e os textos literários com os quais ele dialogou influenciaram o seu modo de ler um texto literário?

e) Em uma escala de 0 a 10, que nota você atribuiria aos encontros que nós desenvolvemos? Justifique.

APÊNDICE D – Termo de cessão de imagem e voz para fins educacionais

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
REITORIA

Avenida Rio Branco, 50 – Santa Lúcia – 29056-255 – Vitória – ES
 27 3357-7500

TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM E VOZ PARA FINS EDUCACIONAIS

Nome: _____ Idade: _____
 Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____ CPF: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____
 Telefone: () _____ Email: _____

Ora designado **CEDENTE**, firma e celebra com o Ifes – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, por meio do CEFOR – Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância do Ifes, R. Barão de Mauá, 30, Jucutuquara – CEP 29.040-860 – Vitória – ES, designado **CESSIONÁRIO**, o presente TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA FINS EDUCACIONAIS mediante as cláusulas e condições abaixo discriminadas, que voluntariamente aceitam e outorgam:

Por meio do presente instrumento autorizo o CEFOR a utilizar minha imagem e/ou voz, captada por meio de fotografias, gravações de áudios e/ou filmagens de depoimentos, declarações, videoconferência, conferência web, entrevistas e/ou ações outras realizadas a serem utilizados com fins educacionais nas redes de ensino público.

Afirmo ter ciência que a transferência é concedida em caráter total, gratuito e não exclusivo, não havendo impedimento para que o(s) CEDENTE(s) utilize(m) o material captado como desejar(em).

Declaro que o CEFOR está autorizado a ser proprietário dos resultados do referido material produzido, com direito de utilização, de forma ilimitada e por um prazo indefinido no que se refere à concessão de direitos autorais, utilização e licenciamento a terceiros, para que façam uso, de qualquer forma, no todo ou em parte, deste material ou de qualquer reprodução do mesmo em conexão com o MEC.

Declaro ainda que renuncio a qualquer direito de fiscalização ou aprovação do uso da imagem e outras informações ou de utilizações decorrentes da mesma. Reconheço que o MEC confiará nesta autorização de forma absoluta e concordo não exigir qualquer indenização relacionada ao exercício das autorizações concedidas por meio deste instrumento.

A cessão objeto deste Termo abrange o direito do CESSIONÁRIO de utilizar a IMAGEM E VOZ do CEDENTE sob as modalidades existentes, tais como reprodução, representação, tradução, distribuição, entre outras, sendo vedada qualquer utilização com finalidade lucrativa.

A cessão dos direitos autorais relativos à IMAGEM E VOZ do CEDENTE é por prazo indeterminado, a não ser que uma das partes notifique a outra, por escrito, com a antecedência mínima de 90 (noventa dias).

Fica designado o foro da Justiça Federal, da seção Judiciária do Espírito Santo, para dirimir quaisquer dúvidas relativas ao cumprimento deste instrumento, desde que não possam ser superadas pela mediação administrativa.

Assinatura do CEDENTE:_____

APÊNDICE E – Carta de Autorização



INSTITUTO FEDERAL
ESPIRITO SANTO
Campus Vitória



PROFLETRAS

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Marco Antonio de Jesus Frinhani, diretor da UMEF Governador Christiano Dias Lopes Filho, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada A POLIFONIA NAS NARRATIVAS MUSICAIS DE CHICO BUARQUE E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II, sob responsabilidade do pesquisador Rodrigo Gonçalves Dias Pitta, nesta unidade de ensino. Para isto, serão disponibilizados ao pesquisador o espaço, incluindo o auditório e seus recursos digitais, fotocópias e outros recursos que se façam necessários à realização da pesquisa.

Vila Velha, 19 de fevereiro de 2018.

Marco Antonio de J. Frinhani
DIRETOR SEMED - PMVV
AUT. DIO PORT. Nº 067/2018

Marco Antonio de Jesus Frinhani, Diretor Escolar

"UMEF GOV. CHRISTIANO DIAS LOPES FILHO"
Ato de Criação Decreto nº 008/08
de 14/03/2008 - Rua Ita, s/nº - São
Conrado - Vila Velha - ES
CEP 29130-110 - Tel. 3344-5228
CNPJ: 10.314.152/0001-12